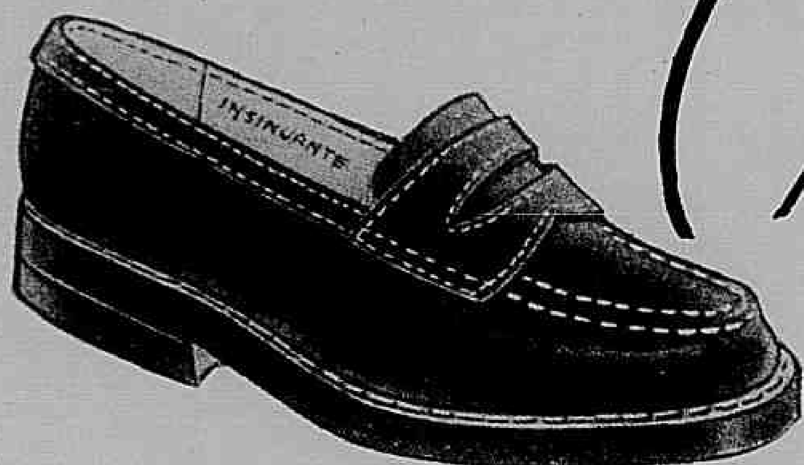
DADE NUA
YN TAMBÉM!

# A CENA MUDA



Nº 15 ★ 14/4/54
Cr$ 4,00 em todo o Brasil

# Mande os seus filhos á ESCOLA!



109



110



111



112

**O ANALFABETO É UM ESCRAVO CÉGO QUE QUANTO MAIS OUVE FALAR EM LUZ, MAIOR LHE PARECE A ESCURIDÃO EM QUE VIVE.**

**109** 28 a 33 Cr$ 150.00 — 34 a 40 Cr$ 195,00. Sapato colegial-esportivo, adotado pelas principais escolas do País. (ótimo Bezerro prêto ou marrom). Saltos de Borracha.

**110** **Até** 27 Cr$ 100,00 — 28 a 32 Cr$ 148,00 — 33 a 39 Cr$ 150,00. Sapato colegial-esportivo em vaqueta preta ou verniz. Saltos de Borracha.

**111** 28 a 32 Cr$ 148,00 — 33 a 40 Cr$ 150,00. Sapato cem por cento colegial, para moças, em superior vaqueta preta, C/ Saltos de Borracha. Um grande sapato!

**112** 28 a 32 Cr$ 148,00 — 33 a 37 Cr$ 150,00. Ótimo sapato para meninos e rapazes, em superior vaqueta preta.

Remetemos para todo o Brasil. Porte 5 cruzeiros. Não fazemos reembôlso postal

**CARIOCA, 46-48**
**SETE SETEMBRO, 199-201**

## insinuante

*é a maior e melhor sapataria da America Latina, é tambem uma galeria á sua disposição com agua geladinha sempre as suas ordens.*

AT. SEMOG

A CENA MUDA

Fundada em 1921

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Diretor
Gratuliano Brito

Secretário
Oswaldo de Oliveira

Publicidade
J. M. Costa Júnior, S. L. Guimarães, A. Mendes, S. Sant'Anna e A. Nóbrega

Desenho e Paginação
Luiz Lléo Sampaio

CENA nº 15, de 14/4/1954

★

CINEMA

REPORTAGENS ESPECIAIS

Fórmulas para a fabricação de um filme ..... 4
Os melhores filmes de todos os tempos ..... 6
A verdade nua e... Marylin também ..... 18
As cotações dos leitores ..... 30

SEÇÕES PERMANENTES

Pré-estréia: «Hondo» ..... 3
Cinema brasileiro· Maria Fernanda ..... 10
Curiosidades e «close-ups» ..... 12
Segredos da tela ..... 13
Novela das imagens: «Lucrécia Bórgia» ..... 14
«Ballet»: O cinema e a dança 22
80 pré-estréias ..... 24
De todo o Mundo ..... 26
Cartazes em revista ..... 28
A nossa capa ..... 30
Teatro-Música ..... 31
Rádio-Discos-Novidades ..... 32
Página do leitor ..... 33

A NOSSA CAPA

MAMIE VAN DOREN
(Universal)

★

ENDERÊÇO

Rua Visconde de Maranguape, 15
Lapa — Rio de Janeiro — Brasil

TELEFONES

Publicidade ..... 22-9570
Redação ..... 22-4447
Gerência ..... 22-8647
Administração e Contabilidade ..... 22-2550
Portaria ..... 22-5602

Enderêço Telegráfico: «REVISTA»

EM SÃO PAULO

Distribuição e Venda:
A. Zambardino
Rua Capitão Salomão, 69
Telefone: 34-1569

PREÇOS

| | Cr$ |
|---|---|
| Número avulso em todo o território nacional | 4,00 |
| Número atrasado | 4,50 |
| Assinatura anual (52 números) | 200,00 |
| Assinatura semestral (26 números) | 100,00 |
| Assinatura anual sob registro | 230,00 |
| Assinatura semestral sob registro | 120,00 |
| Assinatura para o estrangeiro, anual | 350,00 |
| Assinatura para o estrangeiro, semestral | 180,00 |



# PRÉ-ESTRÉIA em 3-D

## 2,5 — CAMINHOS ÁSPEROS (HONDO)

"Honda" foi o primeiro filme a que assistimos tendo a natureza para cenario do "3-D". Sob êste aspecto, o desenrolar apresenta muita coisa de interessante. Constitui uma sensação nova fixar, em imagens, o poderio da natureza com tôdas as perspectivas da realidade. Quem, no decorrer desta película, deixar o foco dos primeiros planos para buscar os fundos de cena, terá sempre um maior contato com a veracidade do ambiente. A "3-D" exige perfeitas condições como espetáculo, conforme sucedeu no Cine Marrocos, de São Paulo. A dimensão da sala, a qualidade dos aparelhos, a tela, os óculos, etc., tudo o mais aperfeiçoado possível, enquanto que, no Rio, foi muito mal empregado, em cinema com tôdas as credenciais negativas e de segunda ordem, o Odeon. Consequentemente, o público carioca ainda não tem uma exata visão dos méritos desta descoberta.

Embora "Hondo" seja um filme apenas razoável, o aperfeiçoamento com que foi utilizado o processo do "3-D" aumenta, sensìvelmente, o interêsse. Basta que o espectador seja entusiasta do pictórico para sentir o encanto desta notável descoberta. Entretanto, por não ser comercial, está destinada, possìvelmente, a desaparecer. A trama dêste "western" pertence à fórmula dos índios apaches, em disputas contra os brancos. Tudo muito conhecido, não faltando, para seguir a praxe, alguns momentos bem inverossímeis. Contudo, o desenrolar mantém sempre um interêsse geral, por três motivos. O primeiro pode ser considerado à parte, pois é, apenas, uma questão de efeito óptico: a "3-D". Os dois outros são cinematográficos: o roteiro é ágil e inclui certas minúcias que atestam ter sido obra esforçada, embora sem características incomuns. Finalmente, os intérpretes, não estivessem presentes bons atores como John Wayne — sempre natural, Ward Bond e outros. O que não se aceita no filme e, verdadeiramente, impede a melhor classificação, foi o abuso e certas situações sem lógica.

Por exemplo, quando o herói é capturado pelos índios, após ter morto vários silvícolas, ninguém acreditaria que os selvagens ainda fôssem fazer um julgamento, com tanta calma. Muito menos, ainda, que o chefe dêles — Michael Pate, em boa caracterização — fôsse modificar a decisão e matá-lo pelo simples encontro de um retrato do seu suposto filho. E, se formos pensar que a queda ao chão, a foto assim visível já era outro "arranjo". E, se estendermos mais um pouco, só o próprio fato de o mocinho ter no bôlso a fotografia, a "coisa" irá muito longe...

Enfim, a direção de John Farrow não decepciona, embora as justas restrições acima. E o razoável estende-se aos outros intérpretes ainda não mencionados: Rodolfo Acosta, em um dos maus apaches; Geraldine Page, uma "mocinha" fora da rotina, de meia idade e simpática; War Bon, um tipo característico sempre adequado para êste gênero; o garôto Lee Aaker, Tom Irish (o tenente) e outros. "Technicolor" apreciável, aproveitando bem a "3-D". Música de Emil Newman e Hugo Friedhofer. Título original: "Hondo", Warner.

*JONALD*

# 3 FÓRMULAS PARA A FABRICAÇÃO DE UM FILME

L. BOLSTHAUSER, exclusivo para "A CENA"



«Quando fala o Coração» de A. Hitchcock seguiu as pegadas de «Sétimo Véu» e, mais tarde, seria outra das chaves para as fórmulas do gênero.

Oferecemos hoje, em primeira e única mão, três receitas infalíveis para fabricar um filme. Dupla é a nossa finalidade, pois queremos crer que as nossas fórmulas irão inspirar tanto os produtores conformistas, como os mais honestos. Para os primeiros, basta seguir à risca os nossos conselhos. Os segundos deverão tratar de evitar tôdas as situações que aparecem no formulário.

Os conformistas, que desejam mostrar alguma originalidade, saberão como agir, economizando o cérebro, invertendo aqui e ali a ordem dos acontecimentos, ou suprimindo e acrescentando alguns ingredientes.

N.º 1 — O WESTERN

O quadro do "western" pouco varia. Planícies infindas, cobertas de descontínua e pobre vegetação, quando não totalmente deserta. Enormes blocos de pedra desnuda, erguidos contra o céu límpido, ou um rio, que pode ser muito fotogênico, quando atravessado por rebanhos e "cow-boys" a cavalo, completam o cenário. A época já é muito mais variável: pode compreender de 1840 até mais ou menos 1910.

Os personagens usuais são: o "mocinho", a heroína, o velho pai, o cherife (quando o "mocinho" não acumula êste cargo), os bandidos, e, às vêzes, índios para complicar a coisa. Cavalos nobres nunca devem faltar, assim como o gado, pretexto a muito litígio. Às vêzes uma balada, ao som da guitarra, ajuda o espectador a engulir a pílula.

O "mocinho" é nobre. A heroína é altiva. O pai é otário. Quem passa o lôgro no velho rancheiro é o esperto chefe da quadrilha, um sujeito que se veste impecàvelmente, fala ainda mais de maneira correta, fuma charutos e nunca mata. Usa sempre capangas. O cavalo é inteligente; salva o dono muitas vêzes e sabe numerosos truques, o que inclui pular obstáculos ou dançar uma rumba (vide "Trigger", o cavalo de Roy Rogers). O gado corre desordenadamente em frente à câmara, levantando nuvens de poeira; serve também para atropelar o vilão no final.

O "mocinho" é, por vêzes, o modesto cherife pouco ambicioso mas que, em cujo peito palpita um nobre coração. Vem de longe, e chega à cidade sem lei, montado em seu cavalo, carregando seus revólveres. Depois de usá-los, impõe a ordem no lugar, e parte cavalgando para outras aventuras e outros tiroteios. Pode ser também o forasteiro à procura de um emprêgo. Não é mau rapaz, mas não tem sorte. No momento da tentação, resolve associar-se a elementos da pior espécie. Aqui, entra em cena a heroína, que trá-lo-á de volta ao bom caminho.

Ela é, naturalmente, a filha do rancheiro, e muito orgulhosa. O rapaz apaixona-se à primeira vista. A moça também simpatiza com êle, mas faz-se de dura, trata-o com frieza e rechaça tôdas as suas tentativas de aproximação. É noite, ouve-se o canto dos grilos. Depois do jantar, a heroína passeia perto de casa. Também o herói saíra para respirar um pouco o ar puro. O acaso os une; falam da beleza do luar e de outras miudezas. Passando à ação, o rapaz tenta beijá-la, levando em troca um sonoro tapa na face. Aí a heroína se afasta, e o herói, sem deixar de seguí-la com o olhar, sorri cìnicamente, enquanto acaricia a parte afetada do rosto.

Além do movimento romântico, "andante ma non troppo", há um "allegro vivace", com brigas no "saloon", socos, estouro da boiada, e o sensacional encontro entre a lei e o crime numa rua deserta, geralmente alta madrugada. Se o herói não tem o retrato colado nas paredes com o clássico prêmio por "vivo ou morto", nada acontecerá. Em caso contrário, a platéia já está habituada e irá preparando as lágrimas. Há que fazer justiça, um assassino não se perdoa; mata-se. O herói morrerá nobremente, mas morrerá. O consôlo é que êle se regenerou; justo a tempo de receber um tiro, um beijo final da heroína em prantos, e de completar o tempo regulamentar da projeção do filme.

N.º 2 — O JORNALISTA

A ação de um filme sôbre jornalistas desenrola-se, na sala de redação do jornal, na oficina, e na cena do crime, com um intervalo no gabinete do diretor, dedicado às reprimendas. Na sala de redação amontoam-se repórteres, entre os quais o nosso herói, escrivaninhas, máquinas de escrever, ditafones, cabides de chapéu e poltronas de couro. Não esquecer o filtro com copos de papel, para o herói aliviar a sêde e refrescar as idéias, depois de febril atividade cerebral. Ao fundo, numa porta envidraçada, lê-se "Private". Para os que não frequentam cinema, um esclarecimento; trata-se do gabinete do diretor.

Êste é um homem maduro, de têmporas encanecidas, experiente, respeitável e influente. Às suas ordens há sempre uma atraente secretária. Mas nessa história de imprensa versus crime, tais personagens não têm grande importância; não passam de papéis episódios. O herói e o repórter, sempre jovem e bonitão, para cortejar a heroína, geralmente vítima de um êrro judiciário. A sua possante musculatura possibilita a administração de bons direitos no queixo do assassino. Além de cavalheiresco, o rapaz é inteligente, dinâmico e incorruptível.

A história pode ser, mais ou menos, assim: um assassínio é cometido. Suspeita-se de uma jovem bonita e indefesa. O repórter, convencido da inocência da mocinha, resolve fazer investigações por conta pró-

pria. A princípio fracassa; de outro modo não poderia ser. Senão, como preencher o tempo normal de duração de um filme? O diretor do jornal impacienta-se, chama seu repórter n.º 1 e ameaça despedi-lo. O rapaz pede mais uns dias para trabalhar no caso. Aqui pode-se dar um toque de "suspense": o diretor concede uma prorrogação de apenas algumas horas. (Já agora há motivos de sobra para o espectador roer as unhas...) Tudo isso em consideração à excelente fôlha de serviços do repórter, que sai do gabinete do diretor satisfeito como um colegial em férias. Por êsse tempo, já é momento do caso começar a movimentar-se. O jornalista descobre uma pista segura, enquanto a polícia não chega a nenhum resultado, e consegue resolver o mistério. Irrompe na sala de redação centralizando a atenção respeitosa dos colegas, atira o chapéu para um lado, arranca o paletó, afrouxa a gravata. A cabeça põe-se a trabalhar, e o inteligente rapaz, sentado à máquina, escreve febrilmente a solução do enigma.

Só então entrega o resultado à polícia. Já as rotativas entravam em funcionamento, e seu jornal publicava a história antes dos rivais. Aqui entra em cena a oficina, vendo-se a rotativa em ação, e os exemplares saindo com os títulos que atrairão milhares de leitores, trazendo ao mesmo tempo o triunfo da justiça, a liberdade da heroína, a fama e um aumentozinho para o repórter. Um romance esboça-se entre a heroína agradecida e o guapo jornalista, enquanto o espectador antevê, no aumento, a possibilidade de próxima cerimônia matrimonial. E suspira aliviado!

N.º 3 — PSICANALISE

Os filmes de psicanálise variam mais, e apresentam apenas um cenário em comum: o consultório médico. Neste, nunca deve ser omitido o divã, onde o paciente repousará enquanto revela ao psicanalista seus problemas íntimos. Uma enfermeira bonita e empertigada ajuda como derivativo.

O médico é de competência incontestável. O paciente, ou a paciente, tem obcessões que podem ser de círculos, de triângulos, ou de paralelas. Sofrem de falta de confiança em si próprios, falta de memória e outras ausências. A dama é indecisa no amor; o cavalheiro tem instintos assassinos. O psicanalista encontrará a chave dêsses conflitos na infância, para onde transporta o paciente. O espectador os acompanha graças ao "flash back". Nêsses dias distantes até um inocente puxão de orelhas pode ter as mais funestas conseqüências. O paciente, por exemplo, cada vez que vê orelhas, é compelido a matar. Freqüentemente, portanto.

Segue-se brilhante aula de psicanálise cinematográfica, onde o espectador se impressiona com o complicado da nomenclatura científica. Com Frèud levado à tela assim, diluído em água e açúcar, uma dose de romance é imprescindível. Uma bonita doutora se encarregará de amar o paciente e salvá-lo, ou o médico decifrará os dilemas da heroína, levando-a aos braços do galã acertado.

Aí estão as fórmulas. Que os produtores as deixem de lado. Que façam um "western" sem mocinhos, sem brigas, sem tiroteios; o resultado pode ser um "Consciências mortas", com tôda a sua fôrça e seu profundo humanismo. Tratem com bom humor o ambiente do jornal, deixem de mostrar o jornalista como um moderno paladino, talvez consiga-se um outro "O tempo é uma ilusão". E por favor, esqueçam a psicanálise! O amplexo de uma exposição honesta do tratamento de doenças mentais e das exigências do filme comercial é impossível ou, pelo menos, muito difícil. Acrescentar a isso a arte ainda complica a questão. Façam-se documentários tratando êsse assunto com objetividade, mas não o sirvam assim, sem seriedade, em doses pequenas perdidas em meio a algum meloso romance, ou a uma trama policial de arrepiar os cabelos.



**«Sétimo Véu», o primeiro filme em que se usou a psicanálise como tema, causou grande sensação em tôrno do inesperado desfecho que revelou também a «estrêla» Ann Todd.**

**A diligência traz boas notícias à mocinha, uma carga de ouro e, no seu rastro, inúmeros bandidos que tentam se apossar de tudo.**



# OS MELHORES FILMES DE TODOS OS TEMPOS

**DE JONALD, EXCLUSIVO PARA "A CENA"**

«Caminho da vida», de Nikolai Ekk, um dos primeiros e grandes filmes sonoros daquele país.

«Tenente sedutor», de Lubitsch (Paramount), deliciosa e alta comédia, com Maurice Chevalier e Mirian Hopkins.

## 1 9 3 0

Como curiosidade, vale a pena citar que foi feita a primeira tentativa de apresentar um filme americano, completamente "dublado" em português. "Noivado de ambição", da Paramount, com Nancy Carroll e Paul Lukas, dirigidos pelo veterano Edmund Goulding teve esta infausta glória: o processo resultou em franco desastre, apesar de o filme ser bom.

### S O N O R O S

1.º — "ALELUIA" (Hallelujah, Metro), uma das obras-primas de King Vidor. Grandes desempenhos de Daniel Haynes e Nina Mac Keeney. Particularmente famosa ficou a seqüência da vivificação, na qual tôda a comunidade negra, em côro, entoa a canção título.

2.º — "A PATRULHA DA MADRUGADA" (Dawn Patrol, First), direção de Howard Hawks, com Richard Barthelmess e Douglas Fairbanks Jr. O mesmo assunto, dêste inesquecível filme, foi refilmado, em 1938, pela Warners, com Errol Flynn e David Niven nos principais papéis; "ALVORADA DO AMOR" (Paramount) Apesar de sua característica musical, Lubitsch conseguiu um alto e delicioso espetáculo. Maurice Chevalier e Jeanette Mac Donald foram os principais. Alcançou grande sucesso por entre o público, na época; "PAIXÃO DE TODOS" (First). O primeiro filme falado de Mervyn Le Roy que, naquele tempo, não era diretor de películas comerciais, teve o seu valor. Blanche Sweet e Jack Mulhall foram os "astros"; "PARAÍSO PERIGOSO", de William Wellmann, com Clarence Wilson e Richar Arlen; "O REI VAGABUNDO" (Paramount), direção de Ludwig Berger, merece ser citado como muito bom espetáculo musical. Dennis King e Jeannete Mac Donald, tiveram os principais papéis.

### S I L E N C I O S O S

1.º — "TEMPESTADE SÔBRE A ÁSIA" (Storm over Asia, Rússia), direção de Pudovkin, em um dos seus mais expressivos trabalhos.

2.º — "FLOR DO ASFALTO" (Alemanha), direção de Joe May, com Gustav Froelich e Betty Aman. O maior



«Luzes da cidade», de Chaplin (United), com Virginia, Cherril, eternamente grandioso, foi o melhor filme silencioso exibido em 1931.

trabalho do diretor alemão, cuja carreira foi efêmera: nos Estados Unidos, mais tarde, nada realizou de destaque; "MANOLESCO" (Alemanha), orientação de W. Tourjaninsky, com Ivan Moujoskine e Brigitte Helm; "FLOR DOS MEUS SONHOS" (Colúmbia). Impressionou o primeiro filme falado de Frank Cappra, com Barbara Stanwyck e Lowell Shermann; "MULHER DE BRIO" (Metro), direção de Clarence Brown, com a genial Greta Garbo e Douglas Fairbanks Jr; "REDENÇÃO" (Metro), belo filme de Fred Niblo, com um dos melhores intérpretes da fase silenciosa: John Gilbert; "TABU" (Paramount), e Murnau, documentário de longa metragem; "BONECAS DE LAMA" (Paramount). Ao lado de "O REI DOS REIS", foi um dos raros filmes de valor da carreira de Cecil B. de Mille, Charles Bickford e Fay Johnsson em admiráveis atuações.

## SONOROS
## 1931

1.º — "SEM NOVIDADES NO FRONT" (Universal), direção de Lewis Milestone. Figura entre os três maiores clássicos da história do cinema. Reapresentado, no Rio, há poucos anos, forneceu ensejo para admirar a sua notável classe de cinema. Lew Ayres foi um grande intéprete.

2.º — "O CAMINHO DA VIDA" (Rússia), de Nikolai Ekk, cuja impressionante escola, demonstrada neste filme, causou grande influência no mundo do cinema; "A PONTE DE WATERLOO" (Warteloo Bridge, Universal), direção de James Whale, com Mac Clark e Douglas Montgomery. A primeira versão da peça de Robert Sherwood, resultou em um dos melhores filmes do ano; "SEU HOMEM" (Pathé), orientação de Tay Garnett, com impressionante desempenho de Ricardo Cortez no protagonista; "Desonrada" (Paramount), de Joseph Von Sternberg, com Marlene Dietrich e Vitor Mac Laglen; "INSPIRAÇÃO" (Metro), de Clarence Brown, com Greta Garbo e Robert Montgomery; "TENENTE SEDUTOR (Paramount). Com a sua invejável classe, Lubitsch obteve uma das suas preciosas comédias. Maurice Chevalier em muito bom desempenho; "ABRAHÃO LINCOLN" (United). O último filme falado do grande David W. Griffith ainda foi uma obra de real destaque. Walter Housten no papel título, ao lado de Una Merkel. "RUAS DA CIDADE" (Ruben Mamoulian), com Gary Cooper e Silvia Sidney; "MARROCOS", de Von Sternberg, com Marlene Dietrich e Gary Cooper.

## SILENCIOSOS

1.º — "LUZES DA CIDADE" (City Lights", United). Entre as obras imortais do cinema, conforme provou a reapresentação, há poucos anos. Chaplin ao lado de



«Aleluia», de King Vidor, Metro, com Nina Mac Keeney e Daniel Haynes, o melhor filme falado de 1930.



«Tempestade sôbre a Asia», de Pudovkin, (Rússia), o melhor filme silencioso exibido em 1930.



«Sem novidade no front», de Lewis Milestone (Universal), o melhor filme falado de 1931.



## OS MELHORES FILMES DE TODOS OS TEMPOS

Virginia Cherrill. "O ÚLTIMO PELOTÃO", (Alemanha), de Joe May, em outro vigoroso trabalho de direção; "LUA DE MEL" (Paramount), responsabilidade e principal desempenho de Von Stroheim, ao lado de Zazu Pits: "ESPIÕES" (Alemanha), direção de Fritz Lang, nos seus áureos tempos (o filme foi rodado em 1928). Brigitte Helm e Willy Fritsh nos principais papéis; "PICCADILLY" (Inglaterra), direção de Dupont, com Mae Young.

S O N O R O S

1 9 3 2

1.º — "NÃO MATARÁS" (Broken Lullaby, Paramount). O maior filme da carreira de um genial diretor: Ernest Lubitsch. Foi, também, a sua maior mensagem: um libelo psicológico contra a guerra, com a história passada longe dos campos de batalha. Entre as grandes obras-primas de qualquer fase. Phillip Holmes, Lionel Barrymore e Nancy Carroll em três marcantes desempenhos, os mais destacados, também, das respectivas carreiras.

2.º — "NO TURBILHÃO DA METRÓPOLE" (Street Scene", United). Foi um dos admiráveis filmes de King Vidor. Silvia Sydney, William Collier Jr. e Estelle Taylor viveram as principais figuras: "MÉDICO E AMANTE" (Arrowsilh, United). O famoso livro de Sinclair Lewis em realização extremamente sincera. Ronald Colman e Helen Hayes em 2 belos trabalhos: "O MÉDICO E O MONSTRO" (Dr. Jekyl an Mr. Hyde). A melhor de tôdas as versões do célebre livro foi conduzida por Roubem Mamoulian, com Fredric March em grande trabalho; "O CAMPEÃO" (The Champ, United). Outra realização de King Vidor, orientando a novela de Frances Marion que há pouco, quase irreconhecível, foi refilmada com Red Skelton "O palhaço", no papel anteriormente desempenhado por Wallace Berry, com Jackie Cooper; "NO PORTAL DA VIDA" (The Power and the Glory, Fox), Frank Borzage, na sua melhor época, filme acentuadamente humano. Spencer Tracy e Doris Kenyon foram dois excelentes protagonistas; "IRMÃOS KARAMAZOFF" (The Brothers Karamazov, Alemanha). Fedoz Ozep, dos melhores cineastas da sua época, conduzindo Fritz Rasp e Anna Waag em obra de categoria; "O CASO DO VAMPIRO DE DUSSELDORF" ("M", Alemanha). O antológico filme de Fritz Lang, com Peter Lorre, Gustav Grundgens e Ince Landgut; "O MILHÃO" (França). René Clair, com seu inconfundível estilo, em um dos seus trabalhos de relêvo; "CIMARRON" (RKO), de Wesley Rugles, com Richard Dix e Irene Dunne; "O EXPRESSO DE SHANGAI" (Paramount), de Von Sternberg, com Marlene Dietrich e Clive Brook; "UMA TRAGÉDIA AMERICANA" (Paramount), de Von Sternberg, foi a 1.ª versão falada do livro de Theodore Dreyser,

«Não matarás», de Lubitsch, (Paramount), com Phillip Holmes, Lionel Barrymore e Nancy Carrol, o melhor filme falado de 1932.



«Uma tragédia americana», de Von Sternber (Paramount), a primeira filmagem do livro de Dreyser, com Phillip Holmes, Nancy Carrol nos papéis que, na segunda versão, exibida no ano passado, couberam a Montgomery Clifft e Elizabeth Taylor: «Um passeio ao sol»

«Mata Hari», de George Fitzmaurice (Metro), com a insigne Greta Garbo e Ramon Novarro, em 1932



com Phillip Holmes e Silvia Sidney. No ano passado foi vista a refilmagem: "UM LUGAR AO SOL".

## SILENCIOSOS

1.º — "ENCOURAÇADO POTEMKIN" (Battleship Potemkin, Rússia, filme de 1928). A obra clássica de S. M. Eisenstein, um dos importantes estudos de "montagem" no cinema.

2.º — "MÃE" (Mother, Rússia, filme de 1926). Dirigido por V. I. Pudovkin, é outra antológica realização; "O MILIONÁRIO" (First), orientado por John Adolfi, ficou marcado como um curioso filme. George Arliss e Evelin Knapp, os principais; "CRUZES DE MADEIRA" (França). Um ótimo filme de guerra, dirigido por Raymond Bernar, com Gabriel Gabrio e Pierre Blanchar.

## 1 9 3 3

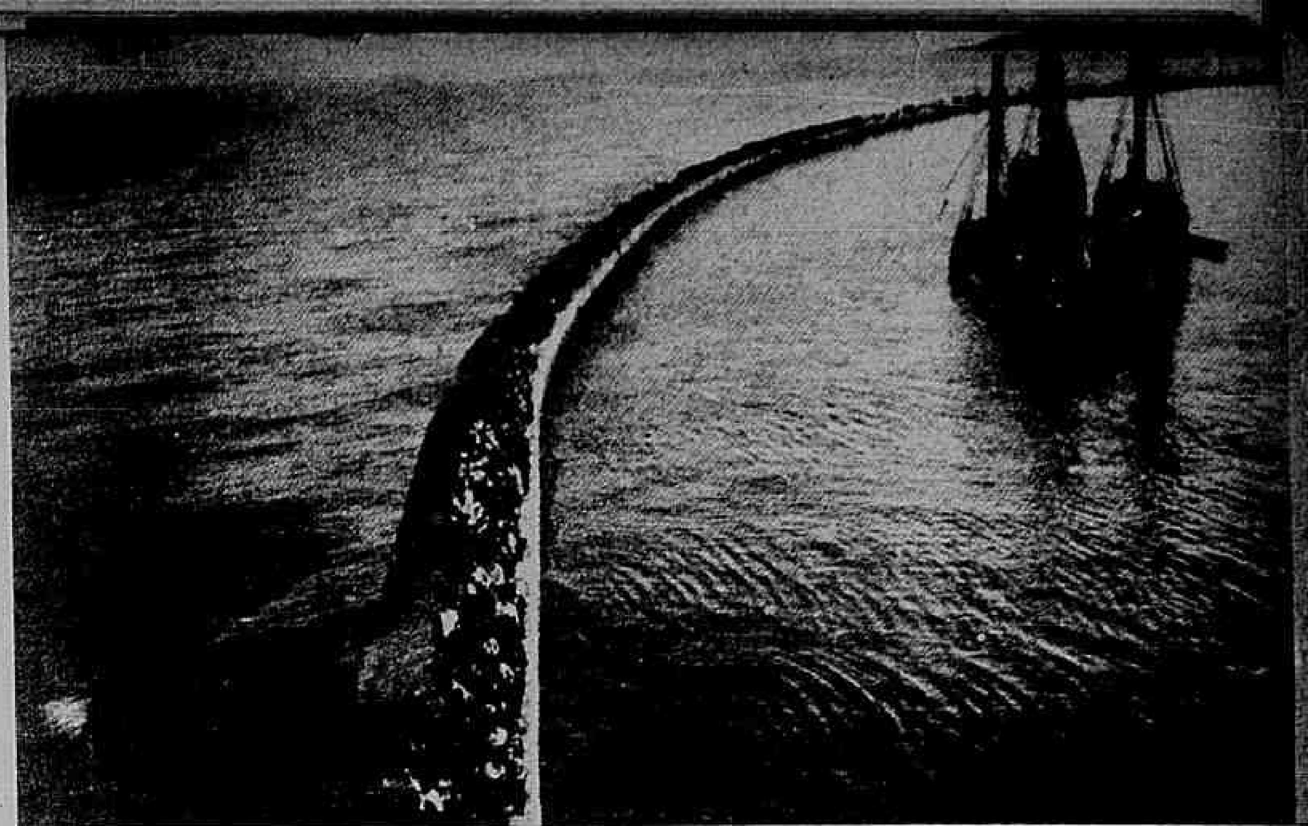
1933, marca em geral, o desaparecimento das exibições do cinema silencioso em nossa capital. Uma conseqüência, aliás, da vitória dos "talkies" no mundo inteiro. Equipadas tôdas as principais casas com o aparelhamento sonoro, a poesia do silêncio nas imagens perdurava, apenas, em alguns dos cinemas dos bairros e dos subúrbios. Um ou outro filme que por aqui aparecia, nessa modalidade, era exibido tal qual um "bólide", fugazmente.

Outra circunstância de relêvo era o absoluto domínio, em mérito e em quantidade do cinema americano. Naquela época os cinemas francês, italiano e inglês não haviam alcançado os primeiros passos para o grande surto de progresso que, mais tarde, se verificaria. Por outro lado, o triunfo do cinema sonoro impôs um reaparelhamento geral aos estúdios europeus, diminuindo, conseqüentemente, a sua produção.

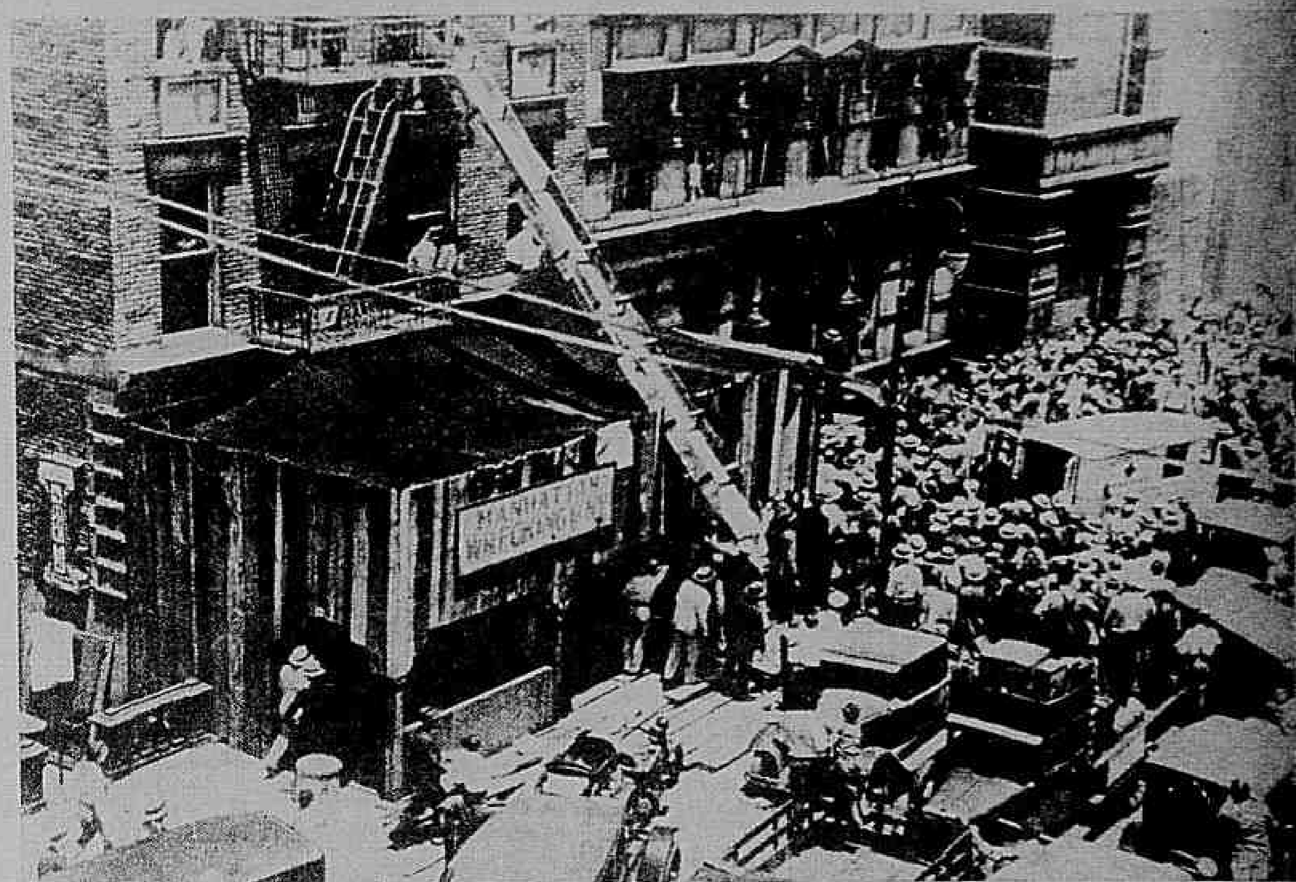
Passando os olhos na longa relação de sessenta filmes, selecionados neste ano de 1933, encontramos, apenas, dois celulóides de projeção, de origem européia e ambos alemães. "Senhoritas de Uniforme" — um dos memoráveis filmes do ano — e "I. F. I. não responde", êste último uma realização de Eric Pomer, com Charles Boyer e Danielle Parole.

Por outro lado, outros curiosos aspectos merecem ser registrados. O público — o supremo julgador — repudiou o filme inteiramente "dublado" em nosso iidoma. Esta reação foi tão intensa que, até à presente época, o assunto ficou encerrado. Nada como o fator tempo a fim de sedimentar o choque das opiniões. As únicas modalidades que se tornaram aceitáveis foram substituição do idioma original em certos desenhos animados ou, então, a eventual narrativa. Entretanto, êste último recurso, se por vêzes, é usado funcionalmente, por outras muito tem prejudicado as imagens por tornar-se desnecessário. Em alguns países, a "dublagem" foi imposta como imperativo de nacionalismo: sòmente são permitidas as exibições de filmes estrangeiros quando dublados no idioma pátrio!

*(Continua no próximo número)*



«Encouraçado Potemkin», de Eisenstein (Rússia), o melhor filme silencioso exibido em 1932



«No turbilhão da Metrópole», de King Vidor (United), um dos mais humanos filmes do grande cineasta. Silvia Sidney, William Collier Jr. e Estelle Taylor as figuras centrais.

«Marrocos», de Von Sterberg (Paramount), com Marlene Dietrich e Gary Cooper, um dos èxitos de 1931



A melhor de tôdas as versões de «O médico e o monstro» foi a de 1932, de Mamoullian, (Paramout), com Fredric March e Mirian Hopkins.



# "CHAMARAM-ME DE FEIA!"

## Fala MARIA FERNANDA



Um dos olhares mais expressivos do cinema

Não conhecia Maria Fernanda, a não ser através de rápida palestra mantida em [illegible] encontro. A primeira impressão, embora superficial, inspirada, sôbre tudo, na [illegible]a, na maneira de se exteriorizar, foi extremamente agradável. Quando fala é [illegible] e alegre. Sua simpatia é contagiante e [illegible].

Dias depois, voltei a encontrá-la.

— «Então, como vai?»

— «Bem, obrigada!»

Percebi-se que ela mantinha permanentemente o mesmo sorriso

Finalmente, uma destas segundas-feiras de «[illegible]lha» pude falar-lhe com mais vagar. O objetivo era uma entrevista com todos erres e esses de que se revestem estas palestras formalizadas que, geralmente, antepõe uma muralha entre o repórter e a entrevistada. Mas Maria Fernanda é exímia na arte de cativar (e não só nesta).

Maria Fernanda falou de sua vida artística. Conceituou os princípios que regem sua arte. Surpreendeu-nos ouvi-la dizer que sua verdadeira vocação não é o teatro ou cinema. O estrelato, tão ardentemente disputado por tantas, não foi o maior sonho de sua adolescência.

— Qual seria esta aspiração e quais as contingências que impediram esta realização?

A pergunta ficou no ar sem resposta. Mistério impenetrável, voto secreto da alma. Mas contou muitas outras coisas.

Não sentir vocação para a arte dramática não implica em não ter ou falta de talento. Provas disso nos tem dado suas inúmeras interpretações, seja no palco seja na tela. Maria Fernanda iniciou sua carreira quase por acidente, há alguns anos, quando «o Rio não subia morro para ver teatro», Pascoal Carlos Magno, animado pelo fantasma hamletiano, levou um grupo de jovens para ampla residência da Tijuca, congregando-os no Seminário de Teatro. Maria Fernanda foi ouvir, por mera curiosidade, as preleções de Hoffman von Harnisch, gostou do ambiente de trabalho e camaradagem e aceitou participar do elenco do Teatro de Estudantes. Foi então escolhida para o desempenho do elenco do Teatro de Estudantes. Foi então escolhida para o desempenho da Ofélia, no Hamlet. O Teatro de Estudantes transformou-se em companhia profissional, sob o nome de Teatro dos Doze; Maria Fernanda acompanhou o grupo.

Desenvolvia, paralelamente, uma atividade cinematográfica que não veio à luz da projeção. Dois filmes, nos quais atuou, não foram concluídos: «Mulher ao longe», de Lúcio Cardoso, e «A Flor e o Sapato», baseado em argumento de Aníbal Machado.

Em «Terra Violenta», atuou ao lado de Anselmo Duarte. Quando se noticiou na imprensa que fôra designada para interpretar a personagem principal do filme, um crítico carioca fêz restrições à sua beleza. «Disse que eu era feia». Esta observação, por sinal injusta, marcou profundamente a «estrêla». O filme, que em nada correspondia as aspirações de Maria Fernanda, agravaram as declarações do crítico e sòmente muito tempo depois pôde ela encarar a observação com desportividade.

Foi à Europa estudar teatro. Lá atuou como «extra» em vários filmes. Clouzot, por esta época, sonhava seu filme «O Salário do Mêdo». Convocou os sul-americanos residentes em Paris para realizarem «tests» para a escolha

Exuberante em vivacidade e simpatia





Primeiro filme: «Terra é Sempre Terra», ao lado de Anselmo Duarte.



Grande «performance»: «Luz apagada»

dos atores. Das inúmeras candidatas inscritas para o único papel feminino da película a escolhida foi Maria Fernanda. Infelizmente, as interrupções que sofreram as filmagens determinaram o seu afastamento do elenco. A atividade cinematográfica de Maria Fernanda na Europa prendia-se, principalmente, à necessidade de conhecer novos métodos de trabalho e facilidade de acesso aos estúdios.

Volta ao Brasil. A Vera Cruz era, então, a grande açambarcadora de valores. Projetava-se a filmagem de «Luz Apagada». Precisava-se da «estrêla» para a película e Maria Fernanda é a escolhida. As filmagens foram acidentadas; duraram nove meses e poucas esperanças havia de que saísse algo de bom. O filme é exibido e surpreende a sua magnífica atuação. A crítica não regateia elogios, inclusive aquêle que a achara feia. Quando falou-se em filmar «O Americano» e que para cá vieram Gleen Ford e Arthur Kennedy (que tornou-se seu amigo), Maria Fernanda foi designada para desempenhar o papel principal. O filme frustrou por várias razões e Maria Fernanda, depois de vários meses em Angra dos Reis, uns poucos em São Paulo, volta ao Rio e recomeça sua atividade teatral. Aparece Mancini procurando uma «estrêla» para substituir Patrícia Lacerda. Escolhe Maria Fernanda e esta vai para o Sul. Mai, uma experiência, mais uma decepção, o filme lá pelas tantas foi interrompido. Os atores vieram para o Rio aborrecidos e movendo ação contra a produtora. Ação que venceram. Com o recente Festival Cinematográfico de São Paulo, vários foram os produtores estrangeiros que a procuraram oferecendo papéis de destaque em seus filmes. Entre êles, Ray Ventura, que a convidou para atuar em um

(Cont. na pág. 34)

# Curiosidades e "Close-ups"

## OS CRONISTAS REVELAM OS MISTÉRIOS DAS "ESTRÊLAS"

*de MARIEN, exclusivo para "A CENA"*

Hollywood, o mais poderoso centro industrial do cinema, atrai inúmeras profissões. Se, em tôda a parte existem escândalos e "mexericos" lá, certamente, isto teria de despertar, ainda mais, os profissionais do assunto. Porém, todos êles, para ressalvar futuras responsabilidades, têm de ser registrados no "Johnston Office". Êstes repórteres, irônicamente apelidados de "clamorosos", ganham de 25 a 1.000 dólares pelas suas revelações mensais, distribuídas pelas inúmeras publicações do gênero, nos Estados Unidos.

Os mais famosos, no gênero, são Louella Parsons e Hedda Hopper, duas senhoras de meia idade. As colunas e revistas que publicam os seus artigos foram calculadas, em tiragem, em mais de dois milhões!

A coluna de Louella Parsons é notável pela maneira como nos conta mais das próprias emoções, "xaroposas", do que a dos "astros" e "estrêlas" que lhes concedem entrevistas. (Os críticos, menos generosos, têm-na comparado a uma "caldeira de mel a ferver").

Por outro lado, as revelações de Hedda Hopper, distinguem-se pelas suas magníficas invetivas. Muitas vêzes, soa como vespa a zumbir furiosa: "ferrão armado para matar". Em um dos seus artigos descreveu Errol Flynn como um "galante solteirão", quase tão discreto como um gato mimado. E ainda diz: "Heddy Lamar, uma boneca decorativa, de pouco talento".

O curioso é que, na maioria das vêzes, muitos dêsses colunistas escrevem variados assuntos numa revista para fãs.

Como é o caso, numa das suas publicações, de uma revista de cinema, ler, numa seção de atualidades (mexericos), que a colunista Louella Parsons, diz sôbre o namôro de Jane Powel e Gene Nelson: "os dois continuam a sair juntos, mas quase não conversam". Mais adiante: "será que o amor, tão esperado, não deu sorte como muitos outros? Será dor de dentes ou enfarto?" Mais adiante, na mesma revista, lê-se, em reportagem especial, assinada pela menos canastrona, Pamela Morgan, com o titulo: "Como nós nos amamos", em tôda reportagem fala do amor dos dois! Que coisa meu Deus! Todos êsses colunistas afirmam, categòricamente, que foram os primeiros a entrevistar fulano ou fulana depois do divórcio; os primeiros a falar no apartamento dos dois; entrevista especial etc. Logo à frente, um seu colega afirma que foi o primeiro a receber telefonema, informações, etc. etc.!



Revela E. Schrott, nas «Curiosidades»: «Se fôsse registrar o quanto Rita Hayworth fala mal, pareceria uma moça da roça, recém-chegada à cidade.» (Nota: ainda assim, um príncipe casou com ela!)

Betty Hutton consegue ser a dócil espôsa, costureira de sobretudos e simultâneamente fazer do lar uma casa de loucos.




Alguns repórteres, tendem, cada vez mais, a adotar a maneira franca de Hedda. Não faz muito tempo, falando da vida privada de Betty Hutton, manifestou-se secamente Jin Henaghan: "Betty tem sido freqüentemente retratada como dona de casa simples, tolerante, e capaz de, nas cenas do lar, solícita encher o cachimbo do marido, ou trazer-lhe os chinelos". Porém, a seguir Henaghan sai-se com essa barragem de fogo:

"Conversa fiada! Que cachimbos nem chinelos! Se o lar de Betty não parecer uma casa de loucos, ela fica doente. Se ela gostar de um homem, não satisfará com menos do que lavar-lhe a cabeça, tratar-lhe das roupas ou confeccionar-lhe um sôbretudo. E se não gostar, é melhor êle se fechar num quarto a sete chaves!"

Existem, também, os artistas que não sabem se apresentar a um repórter nem tampouco conversar. Aí é que o colunista como se diz, está, com a faca e o queijo na mão. Ou êle arrasa com o artista entrevistado, chama-o de "paspalhão" ou endossa-o. Vejamos por exemplo Rita Hayworth, parece ser personificante, altaneira, mas, segundo palavras de Eugene Schrott, não passa de uma boneca de cabelos oxigenados, tão incapaz de conversar, que responde por monossílabos. Êle diz: "se fôsse citá-la palavra por palavra, aos milhões de admiradores, ela se afiguraria a uma moça da roça recém-chegada!"

# SEGREDOS DA TELA

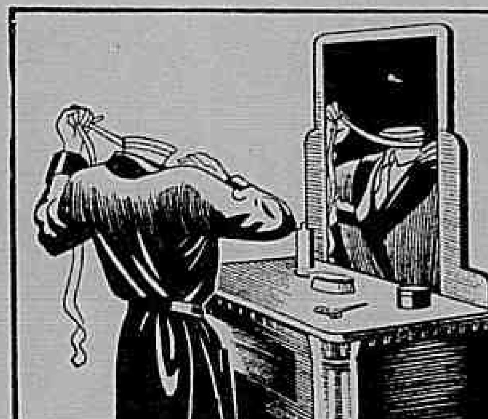
## O HOMEM INVISÍVEL

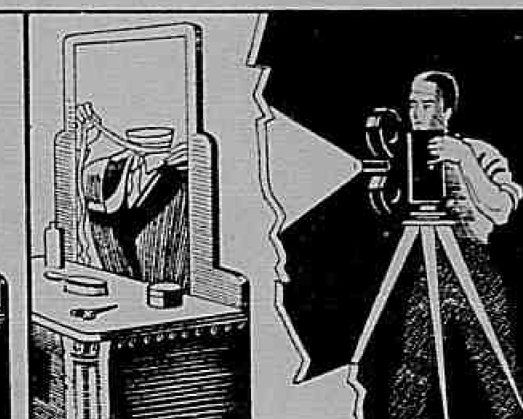
### Orientação de LONG-SHOT



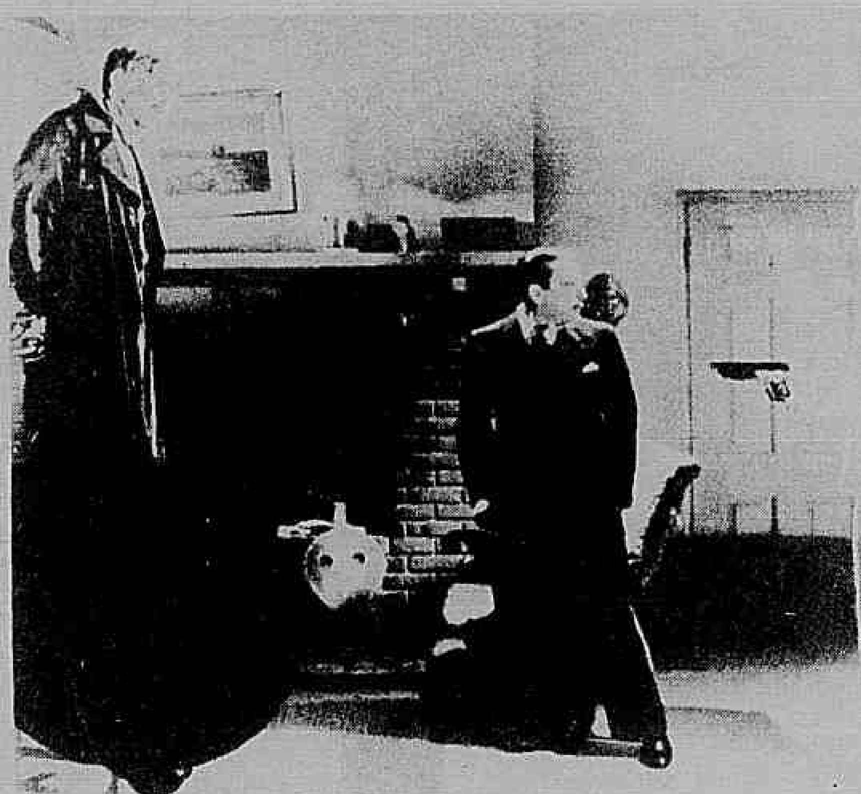




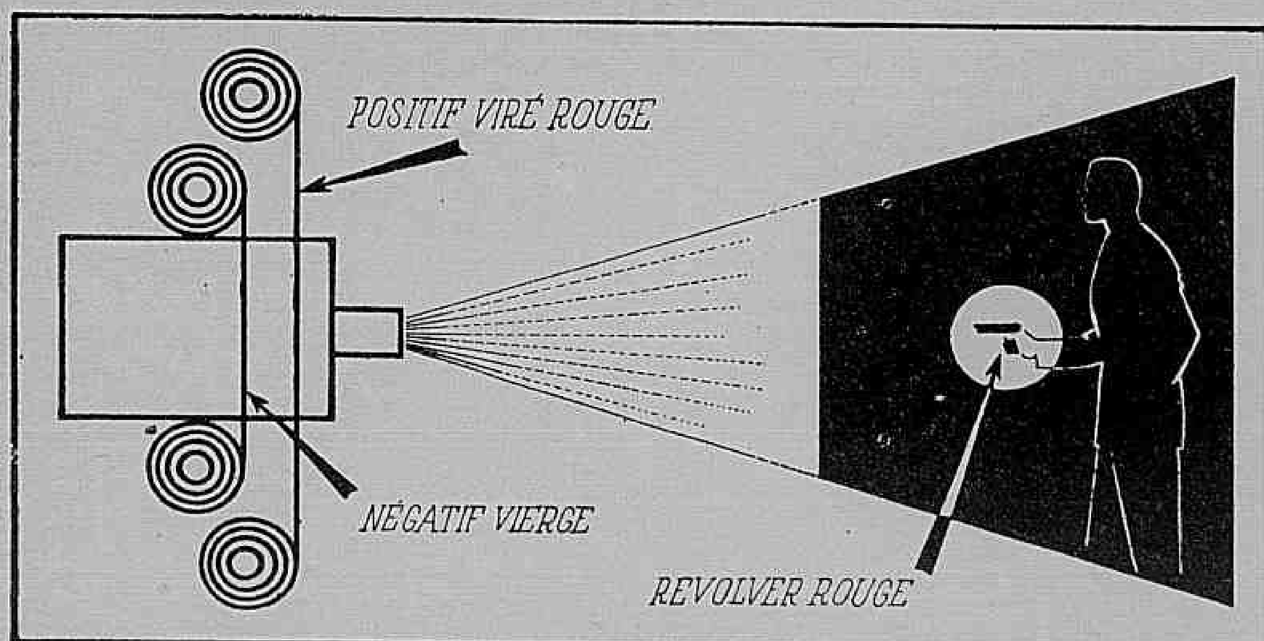




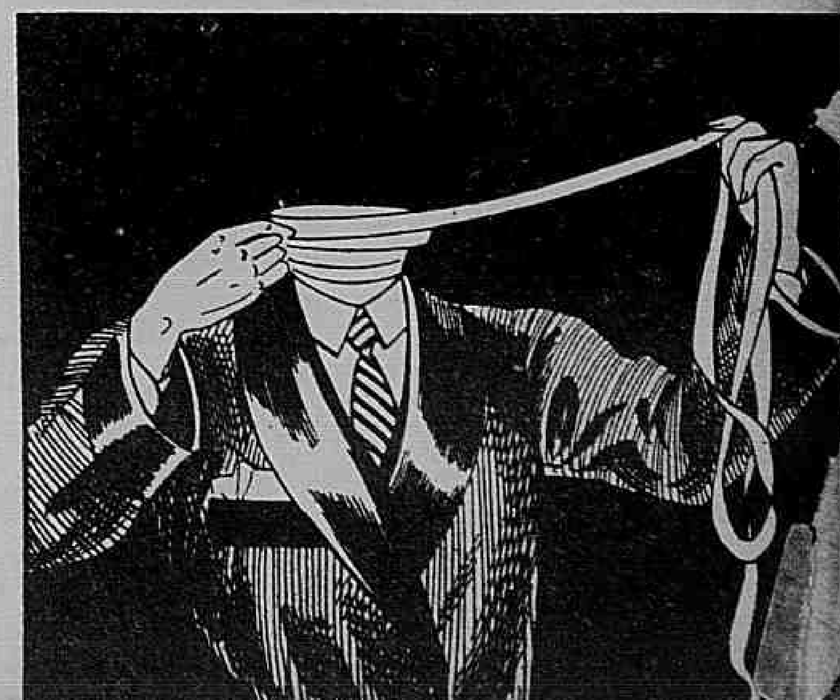
Na fotografia do alto, é a forma transparente que nos faz imaginar a presença do invisível. À esquerda, os recursos da síntese fotográfica. Na outra foto, da direita, a imagem do espelho é obtida por meio de tela transparente. O operador dêste «truc» poderá ser visto no fundo do quadro



Para conseguir-se o efeito da fotografia ao lado, foram utilizados os décores, vestuários azuis e atores maquilados com base azul. Paralelamente ao filme negativo desenrola-se um positivo alaranjado que anula o azul aparecendo sòmente o revólver empunhado. Torna-se a recarregar a bobina com o filme parcialmente impressionado e filma-se sem o filtro laranja. A justaposição das imagens dá o efeito desejado. No canto de baixo, o invisível despe-se.




FREQUENTEMENTE, vemos na tela personagens que, como um toque mágico, desaparecem, não deixando nenhum vestigio. Êste efeito é fàcilmente obtido, bastando para isto que se filme a cena com o ator e depois, a seguinte sem êle! A justaposição na montagem, destas duas imagens, dar-nos-á a impressão de que o ator foi sublimado. Quando se trata entretanto de fazer desaparecer apenas parte do corpo, ou seja vestir um "homem invisivel", por exemplo, o processo é algo mais complicado. Em o "Homem Invisivel" de John Fulton aparece uma personagem cujo rosto está envolvido em ataduras. A personagem põe-se a desenrolá-las e surpreende-nos verificar que, sob elas, não havia rosto nenhum! Êste resultado foi obtido cobrindo-se a cabeça do ator com um saco negro filmando-se contra fundo negro. A superposição de duas côres idênticas anulava os contornos. Quando o personagem desenrolava as ataduras viamos, então, aparecer o vazio. Após por uma série de processos de laboratório algo complicados, obtinha-se a correção da imagem, isto é, de todos os vestigios que poderiam disfarçar a autenticidade das mesmas.



# LUCRECIA BORGIA

NOVELA
DAS
IMAGENS

*LUCRÉCIA BÓRGIA*

| ELENCO | |
|---|---|
| Lucrécia Bórgia | MARTINE CAROL |
| Cezar Bórgia | PEDRO ARMENDARIZ |
| Duque de Aragão | MASSIMO SERATO |
| Júlia Farnéze | VALENTINE TESSIER |
| e Louis Segner, Tânia Fedor | |

| FICHA TÉCNICA | |
|---|---|
| Direção de | CHRISTIEN JAQUE |
| Produção de | CINEDIS |
| Distribuição de | ART-FILMES |
| Fotografia em Tecnicolor | |



A vida dos Bórgia, principalmente de Cezar e Lucrécia, marcou um período da história de Roma dos mais facinantes e cruéis. Lucrécia era filha de Rodrigo Bórgia, bispo do Pôrto, cardeal de São Nicolau "in Carcere" e finalmente papa sob o nome de Alexandre VI. Nasceu em 18 de abril de 1480 e sua mãe Vannozza Bórgia, mulher bela e ignorante, era casada com Giorgio de Croce, escrivão apostólico do papa Sixto IV que muito enriqueceu graças à sua indulgência matrimonial. Com a morte de Giorgio, Rodrigo Bórgia casa sua amante com Carlo Canale. Os filhos de Vannozza compreendiam perfeitamente que sua mão era aquela senhora formosa que os amparava e acariciava nos salões de seu palácio romano não entendiam, entretanto, o papel daquele senhor que lhes oferecia doces, ao pé do qual se punham de joelhos durante as suas freqüentes visitas à sua residência ao qual chamavam de "tio" e cujo nome era Rodrigo Bórgia.

Rodrigo reconhecia em sua amante a beleza e a incapacidade de educar sua "sobrinha". Entregou-a aos cuidados de Adriana de Mila, e, em seguida, à Júlia Farnéze que se tornaria a única amiga e confidente de Lucrécia. Neste ambiente de concessões morais de tôda a natureza, onde os crimes praticados desassombradamente que eram cometidos nas classes mais em evidência, formou-se uma mulher cujos "cabelos desfiados pelo ouro do sol". Os seus olhos tão claros que um de seus contemporâneos os veria "brancos", tão bela e elegante que parecia quando "ia de um ponto ao outro que nem sequer pesava". Contra aquêles que crêem ter sido Lucrécia uma sangüinária e cruel espôsa, amante voluptuosa e inconstante em seus desejos levanta-se a voz de uma época, analisando o meio e a vida.



Roma 1498 — Uma certa noite, uma multidão heterogênea lança-se às ruas e praças, e desfruta, sem nenhum constrangimento, as alegrias tumultuosas do Carnaval. Súbito, à sombra de uma arcada surgem três gentilhomens mascarados. Êles param e se escondem atrás de uma pilastra. Duas flechas assobiam, um transeunte tomba, Cezar Bórgia eliminara um de seus rivais. A farandula, por um momento dispersada, se reconstitui. À luz das tochas a caça ao prazer, depois dêste assassinato continua mais frenética que antes.

Adiante, sob a latada de um "cabaret", um grupo de cortesãs bêbedas circundam um jovem soldado embriagado, Paolo, que lhes mostra um rico anel que êle tem na mão direita: "Foi Lucrécia quem mo deu, eu a possuí, ela me espera!". As mulheres estouram em ruidosas gargalhadas enquanto que, alertados pelo barulho, os soldados da ronda surgem, dominam o soldado e o levam para a prisão. Desconcertados, um grupo de beberrões se reagrupam em tôrno dos copos e entoam uma canção satírica contra Lucrécia. A multidão de mascarados tendo ouvido o mote faz côro à canção. Misturados ao povo, dois estrangeiros ricamente vestidos, um idoso e um jovem assistem emocionados a estas cenas.

Enquanto isto se passa nas ruas, em seu palácio, cuidada pelas serventes, Lucrécia Bórgia pensa melancòlicamente sôbre seu próximo casamento, ordenado por seu irmão e que a unirá ao duque de Aragão, cuja família domina Nápoles. A alegria ensurdecedora da rua aviva sua tristeza, constrange dolorosamente seu coração. A fim de favorizar a aliança milanesa ela foi obrigada a casar-se com um Sforza. Posteriormente, quando o apoio dos Lombardos não se fazia mais necessários, Cezar a fêz divorciar-se. Apesar do luxo que a envolve e do respeito que



# LUCRECIA BORGIA



lhe devotam as cortesãs, ela não é mais que um pequeno peão sem alma que Cezar joga para satisfazer as necessidades do seu jôgo de xadrez internacional. Amanhã, seu corpo será dado em penhor para obter para seu irmão a poderosa aliança dos soberanos do sul! Lucrécia amargurada suspira, ela tem sòmente dezoito anos...

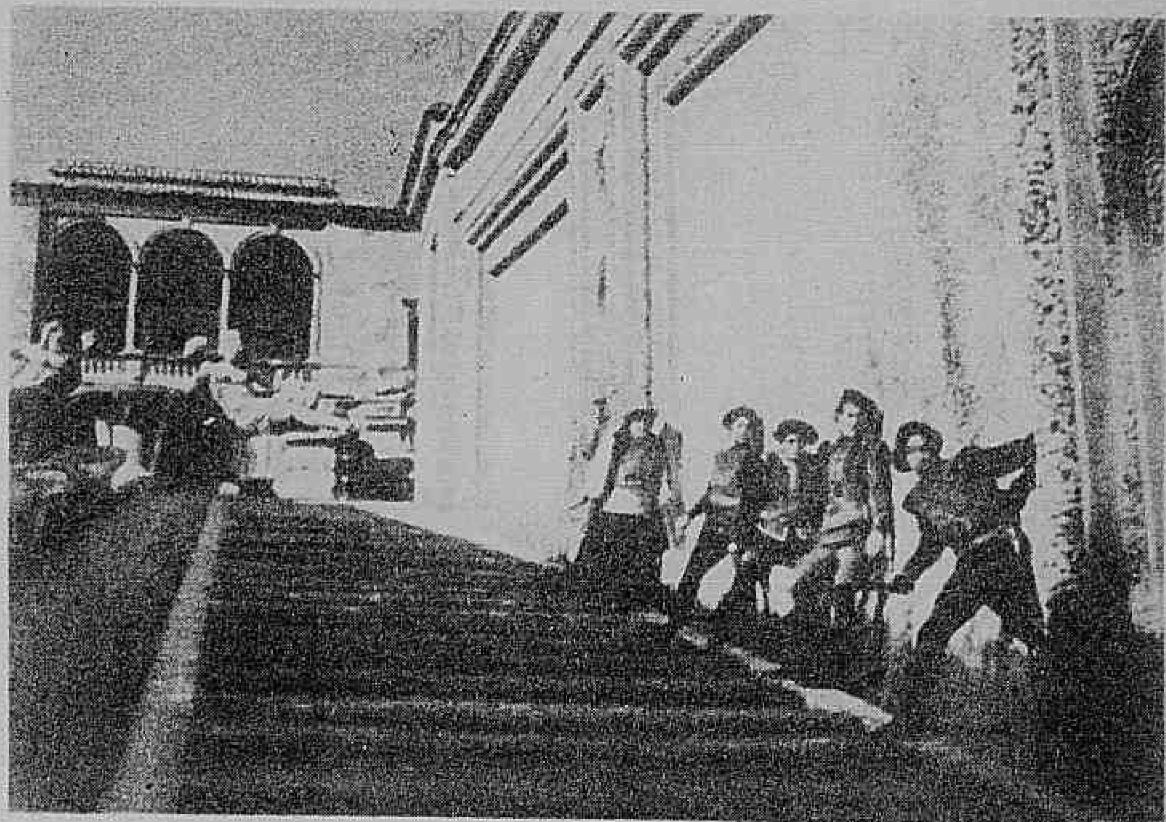
Através uma porta "camouflada" ela dirige-se ao seu mago a fim de interrogar ao espelho mágico :

— Esta noite, envolvida pelas sombras das ruas festivas, você encontrará o grande amor de sua vida.

Sôbre a face polida dos espelhos desenha-se o rosto do mais jovem dos estrangeiros desconhecidos.

Mascarada, Lucrécia sai e mistura-se à multidão turbulenta de romanos. Cedo ela se vê tragada pela turba que dança a farandula alegre e turbilhonante, mantida em seu frenesi pelos dançarinos bêbedos. O movimento aumenta, cada vez mais, ela tenta inùtilmente fugir à agitação tombando em seguida desmaiada. Quando volta a si, o estranho rosto desenhado sôbre o espelho e que ela desconhecia, está inclinado sôbre seu rosto. O mago não mentiu. Um longo abraço os une...

* * *



Sob o trovão das galeras, o estrépito das trombetas, o soar dos sinos, os vivas da multidão, o duque de Aragão — o qual se reconhece no jovem e misterioso estrangeiro — entra acompanhado de sua escolta no Castelo Saint Ange onde será realizada a cerimônia nupcial. Cezar Bórgia o acolhe com um fausto real em sua sala aparatosa. Êles tomam os lugares e aparece Lucrécia. A jovem noiva sente-se repugnada por êste casamento forçado pois seu corpo e sua alma desejam desesperadamente o amante daquele Carnaval. Ela aproxima-se lentamente em direção ao seu noivo. Súbito Aragão tem um gesto de surprêsa: reconhece horrorizado a desconhecida que possuíra na noite carnavalesca. Lucrécia, por sua parte, não acredita no que vê. Todos seus desejos e súplicas serão satisfeitos, não fôsse o caráter pouco protocolar de seu primeiro encontro. A cerimônia alcança seu fim unindo uma jovem mulher alucinada a um príncipe enojado com a idéia de dar seu nome à uma jovem que é ridicularizada por tôda a população. Chegada a noite, no quarto nupcial, os dois esposos se enfrentam. Cedo a lembrança voluptuosa do primeiro encontro, a beleza comovente de Lucrécia, o amor finalmente se afirma mais forte que as suspeitas, as certezas mesmo. Aragão segura a espôsa entre seus braços e abraça-a...

Na manhã seguinte, Cezar oferece algumas diversões aos seus cortesãos. O espetáculo é bárbaro, diretamente inspirado nos jogos circenses da Roma antiga. Sôbre um pórtico estreito, construído acima de um braseiro ardente, condenados armados de tochas tentam derrubar o adversário. Não é sem certo desgôsto que Aragão nota o prazer que tão terrível espetáculo, dá a Lucrécia. Com que monstruosa família foi êle se unir! Cezar nota a repulsa que seu cunhado sente pela exibição e manda parar o duelo. Para o dia seguinte os convidados de Cezar têm programado uma grande caça a cavalo. Ao som das trombas, os cavaleiros armados de venábulos galopam atrás da matilha que fareja as trilhas. As pegadas da caça são descobertas. Ali vai ela perseguida quando sua silhueta se desenha aos olhos dos caçadores. E o pior, não era um animal o caçado mas um homem. Aproximam-se os caçadores e vêem que se trata de Paolo, o soldado que se vangloriava de ter dormido com Lucrécia. Paolo refugiara-se sôbre um rochedo, semi-abrigado da fúria dos cães



César e Lucrécia: crueldade e submissão

Motim e fuga: César contra duque de Aragon

Morte e amor: Duque de Aragon e Lucrécia



e, dêsse pedestal pede piedade a Lucrécia, invocando as peripécias por que passaram em sua noite de amor. Esta, transtornada por tais declarações, diante de seu marido, tenta fazê-lo calar-se. Com um golpe de venábulo, Cezar mata o infeliz enquanto Lucrécia desmaia.

Cai a noite. A jovem duquesa de Aragon, pressentindo a iminência do abandono por seu espôso, resolve narrar-lhe todos seus infortúnios, ditados pelas conveniências políticas do seu irmão.

"Mal era uma adolescente, — diz ela — Cezar, que procurava o apoio dos milanezes, fêz-me casar com Jean Sforza. Seu marido, a quem esta união desagradava, abandonou a jovem espôsa. Ela, então, a exemplo das nobres senhoras da côrte romana, procura o Amor nos amôres múltiplos até o dia em que seu irmão se deu conta da traição de Sforza em benefício dos franceses resolvendo executá-lo. Lucrécia repugnada de ver derramado o sangue de um homem que, apesar de indigno, dividira com ela o leito, com auxílio de seu amante, o pagem Perotto, auxilia a fuga de Sforza, julgando mais louvável acusá-lo de uma tara secreta, obtendo desta forma um divórcio autorizado pela Igreja. O artifício é bem sucedido. Cezar apesar de desgostoso se inclina ao subterfúgio mas por medida de segurança, manda assassinar o pagem imprudente, detentor de um segrêdo de estado.

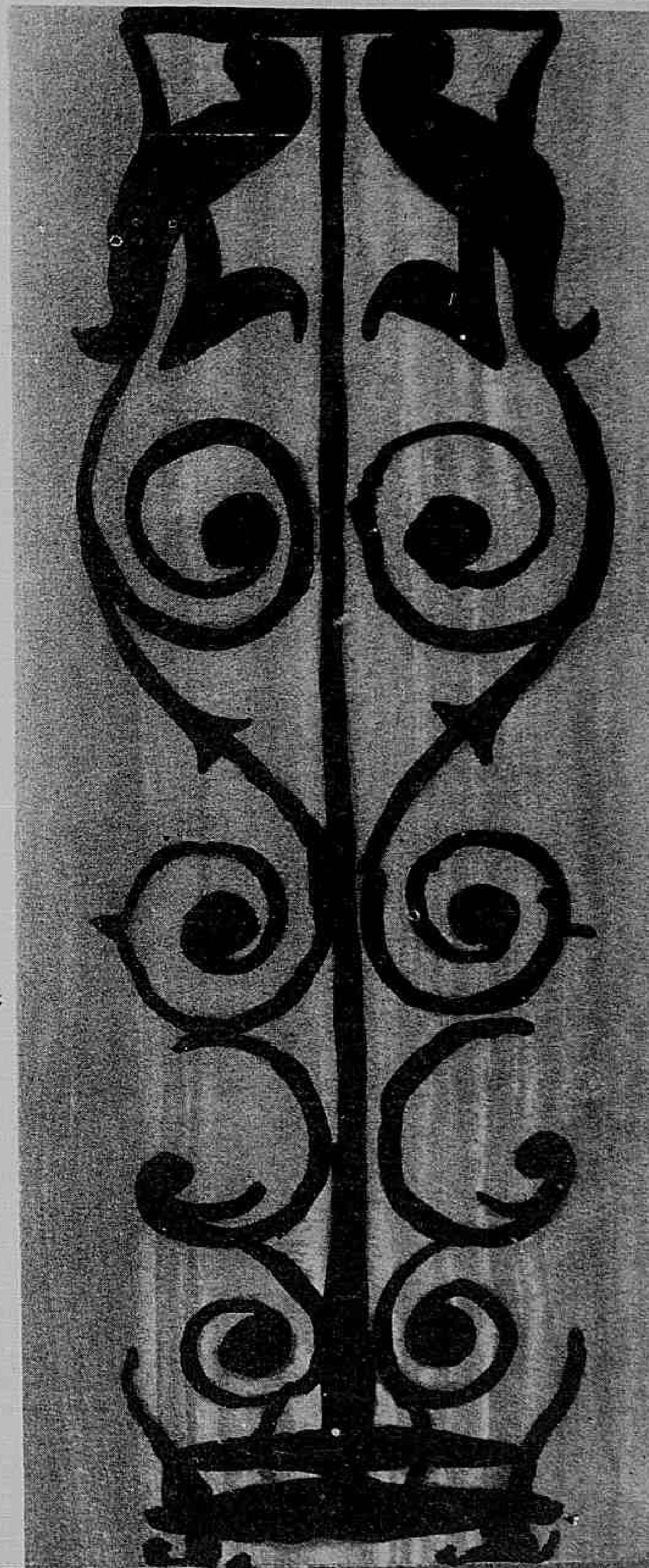
Para esquecer esta perda, Lucrécia visita sua amiga e confidente Júlia Farnéze. Quando as duas damas estão cercadas de suas damas de companhia, um grupo de sequazes enviados por Sforza irrompem no palácio para levar Lucrécia. Apesar da rude batalha em que a irmã de Cezar luta por sua liberdade ela vai ser prêsa quando um moço de estrebaria de sua escolta a salva das mãos de seus perseguidores. Êle é belo, êle se chama Paolo, ela se entrega à êle à beira de um riacho.

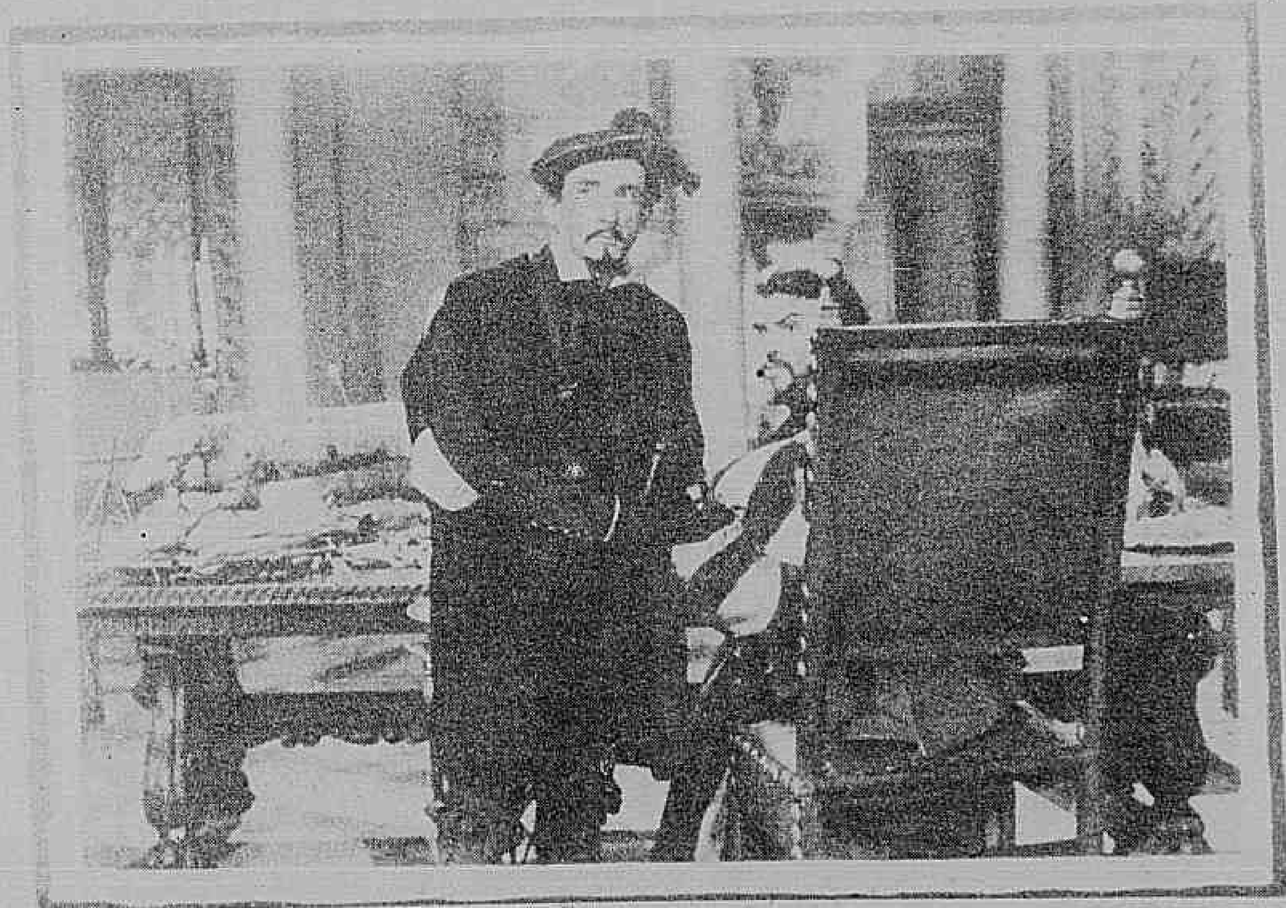
Compreendendo que Lucrécia não fôra mais do que uma vítima nas mãos de seu irmão Cezar, Aragão a perdoa. A felicidade desponta em suas vidas. Contudo não contavam êles com a mudança das diretrizes políticas de Roma.

* * *

Cezar volta da França onde Luis XII o fêz duque de Valentinois. O apoio de seu poderoso aliado torna inútil a aliança napolitana. Aragon deve desaparecer para que se possa realizar o casamento de Lucrécia com o chefe da família Este que governa Ferrara. Uma luva envenena-

*(Continua na pág. 34)*







# A VERDADE NUA E... MARYLIN TAMBÉM

DE SANIN, exclusivo para A CENA

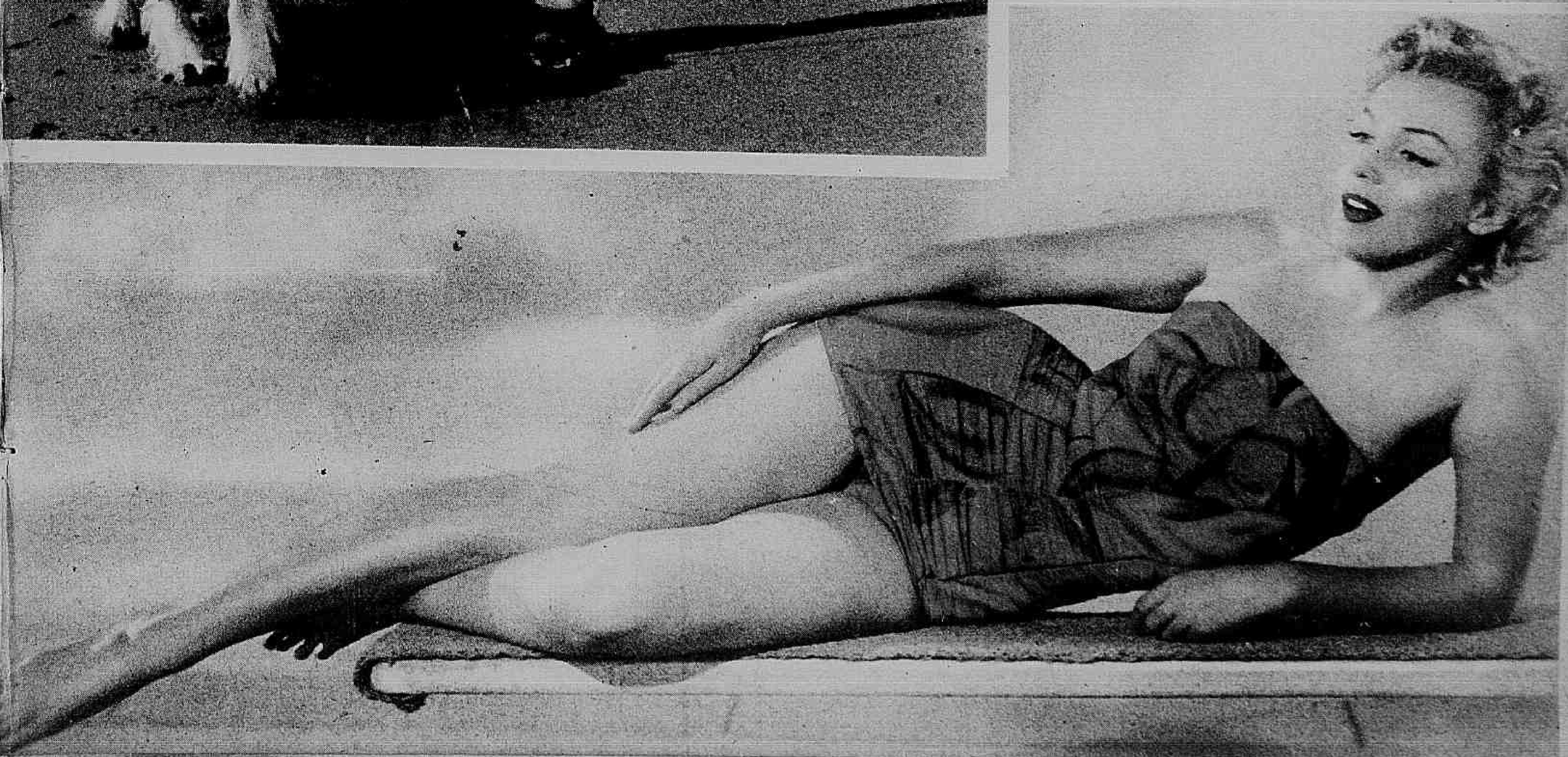




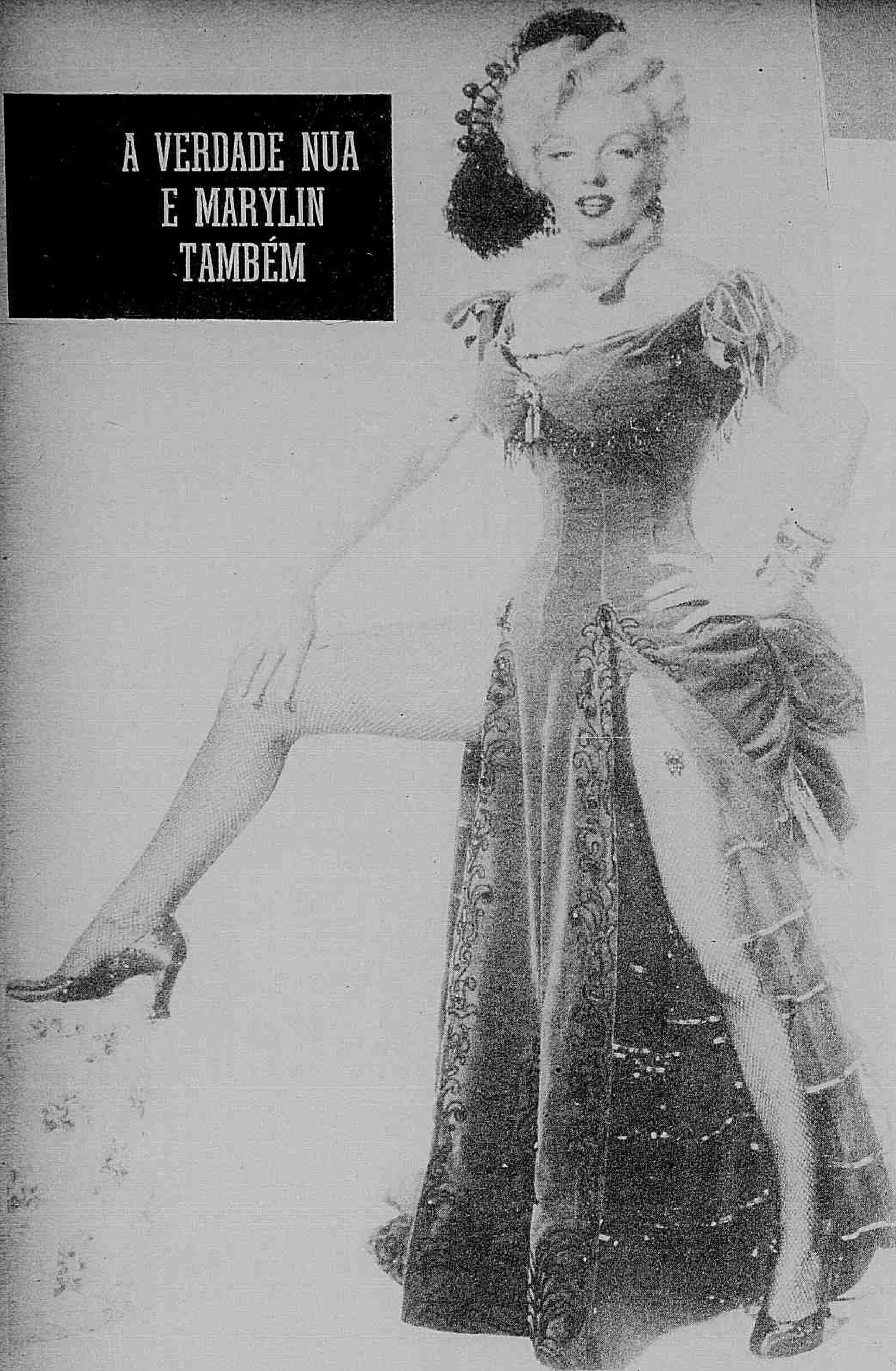
A PRINCÍPIO pronunciado com timidez, duvidosamente, com meias palavras. Depois, com segurança, a qual associava-se uma certa malícia para logo a seguir ser contada como fato consumado, esta foi a carreira do nome: Marylin Monroe.

Hoje, quando a bomba atômica é brinquedo proibido diante da bomba "H", quando se fala em aerodinâmica, em quatro, cinco e vinte e tantas dimensões; quando não morre um gato na China mas muitos homens na Coréia, quando papagueia-se panamericanismo na dócil Venezuela, uma loura sofisticada irrita as mulheres e imbeciliza os homens. Ainda bem (para alguns) que ela não continuou com seu saudável hábito de despir-se frequentemente para fotógrafos, ou seja lá quem fôr. Isto de andar pelada é crime permitido apenas enquanto não se tem consciência da personalidade do reverendo. Ainda bem, dizia eu, porque do contrário seria um Deus nos acuda. Pois bem, esta ilustre senhora loura que o senador Mac Carthy amaria para ver-se cercado da publicidade que a rodeia, pouco diferente de tantas outras louras que estão em moda lá nos States tem uma peculiaridade: é um pouco mais larga alí e um pouco mais estreita acolá. E, por estas e outras, gostou de um rapaz e resolveu casar-se. Todo mundo esqueceu-se do panamericanismo, das bombas (que a maior é a própria Marylin) e estamparam em "manchete" o acontecimento sensacional. Nem a senhora dona rainha da Inglaterra logrou tanto sucesso. Pegaram um avião e foram para o Celeste Império gozar a lua de mel. Lá chegando o casal teve uma recepção estrondosa. Os japonêses espicharam ainda mais os olhinhos espichados para

Acima: «sex-appeal» ao natural.
Abaixo: «sex-appeal» elaborado.



# A VERDADE NUA E MARYLIN TAMBÉM





utilidade tão cuidadosamente velada pelas demais atrizes americanas e que nós simplesmente chamamos de *cama*. Este desassombro provocou uma certa revolta nos meios cinematográficos. Algumas das senhoras estrêlas, com o código Hays entranhado até a medula não se furtaram à censuras públicas ao seu comportamento. A atitude de Marylin poderíamos dizer, provocou tanto escândalo quanto a de Ingrid Bergman em seu atribulado romance com Roberto Rosselini. Apenas a diferença está nas doses em que escandalizou. Finalmente, perguntamos nós, qual a importância de Marylin Monroe no cinema? — É ela uma nova Greer Garson, tem o talento de Vivien Leight, uma voz como de Lena Horne, dança como Moira Shearer?

— Não, seguramente Miss Monroe é apenas uma atriz de bom fisico, esforçada talvez, com uma experiência de vida que o árduo caminho para o estrelato outorga e que Horace Mc Coy sabe contar. A Monroe esforça-se por parecer inteligente e o tem logrado lentamente, seu prestigio se vem afirmando com o seu nome aos novos processos técnicos que a cinematografia americana cuida de inventar.

★

Justamente sôbre êste aspecto que desejariamos chamar a atenção dos leitores. Desde há muito correu a noticia da crise do cinema americano, paralelamente à invenção do cinemascópio, da "natural vision" do "cinerama". As receitas recomeçaram à subir e aparentemente a grande ameaça da TV fôra superada. Para surprêsa de todos, dois fatos vieram confirmar que a televisão em nada comprometia a aceitação pública do cinema: as grandes arrecadações do filme "From Here to Eternity", maiores que as de "...E o Vento Levou" e a progressiva aceitação dos produtores de Stanley Kramer. Por outro lado, o sr. Samuel Goldwin escreveu ao presidente da Motion Picture Assotiation no sentido "de que fôsse revisto e atualizado o código de principios morais mais conhecido como código Hays". Alega o sr. Goldwin que êste código, ao qual os produtores obedecem há cêrca de 23 anos, "não permite aos cineastas uma representação honesta da vida.". Simultâneamente, isto é, no dia 20 de janeiro de 1954, o juiz da Côrte Suprema Norte Americana libera de censura qualquer filme estrangeiro "considerando que o cinema não é mais hoje em dia um espetáculo sòmente mas um meio de expressão capaz de veicular, defender e ilustrar idéias".

Naturalmente não é sòmente o amor à uma "representação mais honesta da vida" que levou o sr. Goldwin dirigir-se ao sr. Jonhtson. Talvez a sensivel diminuição de receitas e arrecadações devido ao constante desinterêsse que o cinema ianque criava em tôrno de si afastando o público. A. massa preferia espetáculos de variedades e cômicos circulares. Optava por não se locomover e assisti-los em suas próprias residências, através da TV.

Uma das soluçoes encontradas para a superação da crise que aos poucos se delineava foi a volta do mito da "star". É bem verdade que tal mito não havia desaparecido de todo do panorama cinematográfico mundial mas sua feição não tinha mais as mesmas ca-

ver melhor e para crer portanto. Sinceramente, não acreditamos que a acolhida dispensada à Marylin Monroe, tenha sido maior que de Gerard Philippe e astros franceses quando da recente visita ao Japão.

Janne Russel que atuara com ela em "Gentlemen Prefer Blondes" diz suas impressões sôbre a cativante loura: "É moça direita e honestissima como poucas tenho encontrado". Ninguém duvidava da honestidade de Marylin (ninguém mesmo a conhecia muito bem). O que surpreende é a segunda parte da frase: e a própria Marylin vem contribuindo para que se crie em tôrno dela um mito "nupcial". Raras são as entrevistas que ela concede em que não se refere à esta

racteristicas de 25 anos passados quando os salários pagos aos atores eram dez vêzes superiores aos de hoje. Um nome como o de Rudolph Valentino era garantia segura para o sucesso de um filme e êstes eram feitos para os atores e admitidas tôdas as concessões em benefício desta ou daquela valorização. Atualmente, a disciplina dos estúdios é outra. Procura-se maior autenticidade e principalmente boas histórias que poderão ou não consagrar os intérpretes. Esta maneira justa de proceder não foi esquecida mesmo no caso de Marylin Monroe. Acontece porém que não se furtaram seus agentes de apresentar o divismo sob novo aspécto. O nome de Marylin Monroe antes mesmo de ser conhecido como o da atriz já circulava nas praças internacionais como um mito. No Rio, por exemplo, vários filmes em que ela aparecia tinham sido exibidos. Entre êles, "Malvada", com Bette Davis, dirigido por Mankiewsky, no qual fazia uma ponta ao lado de George Sanders. Ninguém p[illegible] u muita atenção a loura que corria ao lado do critico para que lhe coubesse" um "lugar ao sol". O cínico crítico via-se, por sinal, atrapalhadissimo para conciliar os seus interêsses e os da jovem loura. Outros filmes em que Marylin aparecia em pequenos papéis foram "O segrêdo das jóias", "Asphalt Jungler", "Let's Make it Legal", 'Home Town Story", "O' Henry's Full House" no episódio dirigido por Henry Koster. Sua verdadeira oportunidade foi em "Monkey Business" em que faz o papel de secretária de Charles Corburn. A ousadia de suas linhas enciúma Betty Grable e desnorteia a sobriedade presidencial do velho proprietário que tanto tolera de sua secretária.

Em "Niagara" de Henry Hathaway decepcionou como atriz e impressionou como mulher e foi esta por assim dizer a sua consagração. Fêz depois disto "Gentlemen Prefer Blondes" e "How to Marry a Milionaire" e [illegible] que seu físico será distribuído aos dezoito metros de uma tela côncava para delícia de muito espectador e fã de linhas modernas.

Porém enquanto a estrêla desfruta a lua de mel, em Hollywood fala-se em Mamie Van Doren, em Kathleen Hugues, em Lori Nelson, tôdas louras e tôdas sedutoras.

Esta inflação de beldades (se é que o têrmo se aplique à beldades) existirá e dará ainda muito pano para mangas até o dia em que o cinema norte-americano encontre o caminho da verdade. O caminho do tema real e autêntico que seja representação da vida e não sofisticação da mesma.



A «proeminente» Marylin



Exemplo de bailado ligeiro em musical: Ricardo Montalban e Cyd Charisse em «Fiesta Brava»

# O CINEMA E A DANÇA

## II — De MARIEN, exclusivo para A CENA

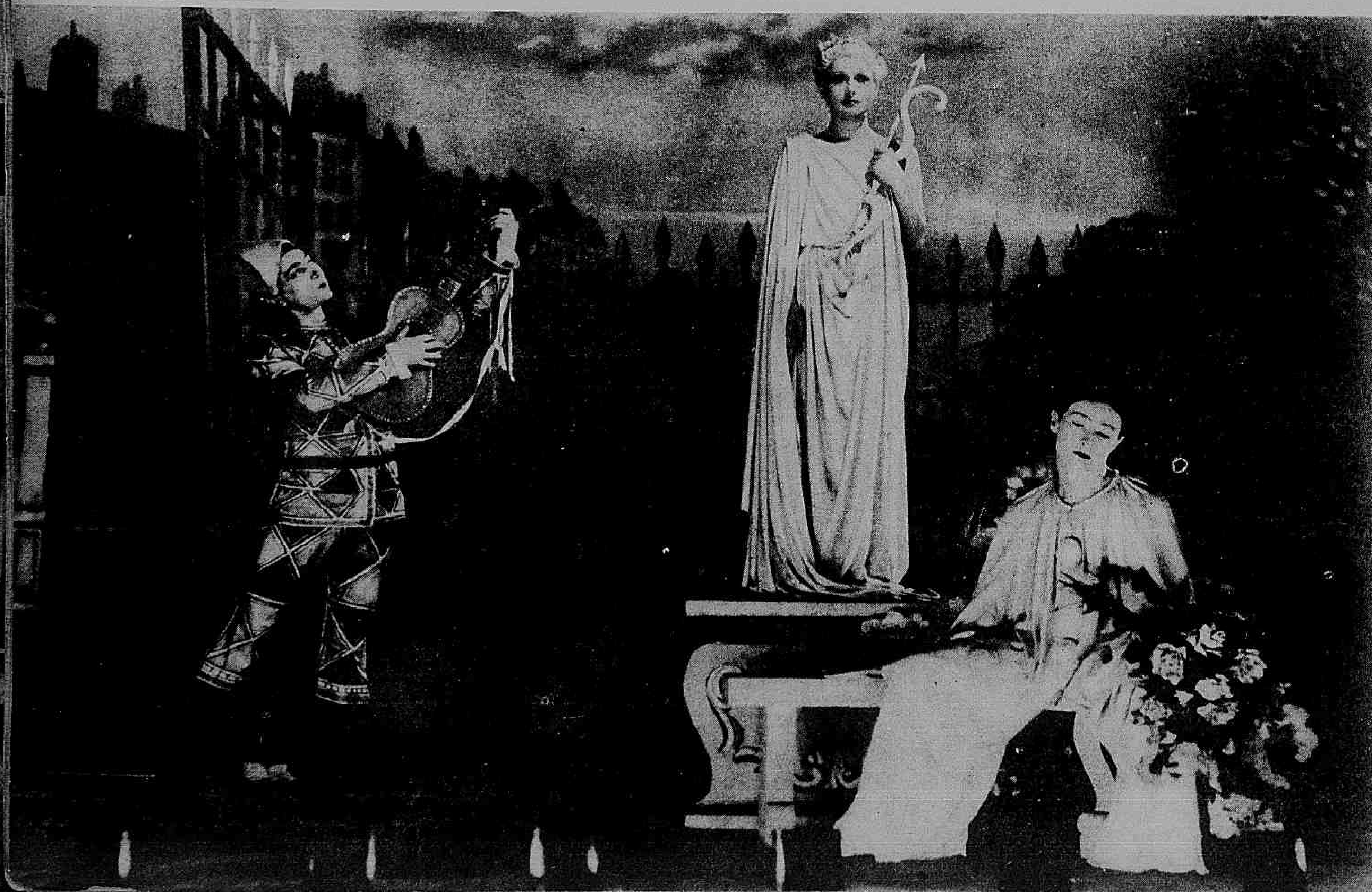
GEORGE Balanchine, um dos vultos de grande importância do «ballet», no domínio da coreografia, tem trabalhado frequentemente em filmes, e, em 1929, fêz o arranjo de um bailado para inclusão no filme denominado «Dark Rod Rosen», dirigido por Sinclair Hill, nos estúdios Paddington, com atuação de Lopokova e Dolin. Em 1938, levou sua companhia, o «American Ballet», a Hollywood, para aparecer com Vera Zorina em «Goldwyn Follies», para o qual fêz dois bailados muito interessantes. Um era uma versão satírica de Romeu e Julieta, em que os Capuletos eram baletômanos e os Montecchios apaixonados por «jazz»; em contraponto caracteristicamente balanchincano, os Capuletos piruetavam, cruzando à frente dos Montecchios, que sapateavam. E havia alguns belos momentos no bailado do «Lírio da Água», quando o corpo de «ballet» era arrebatado por um furacão.

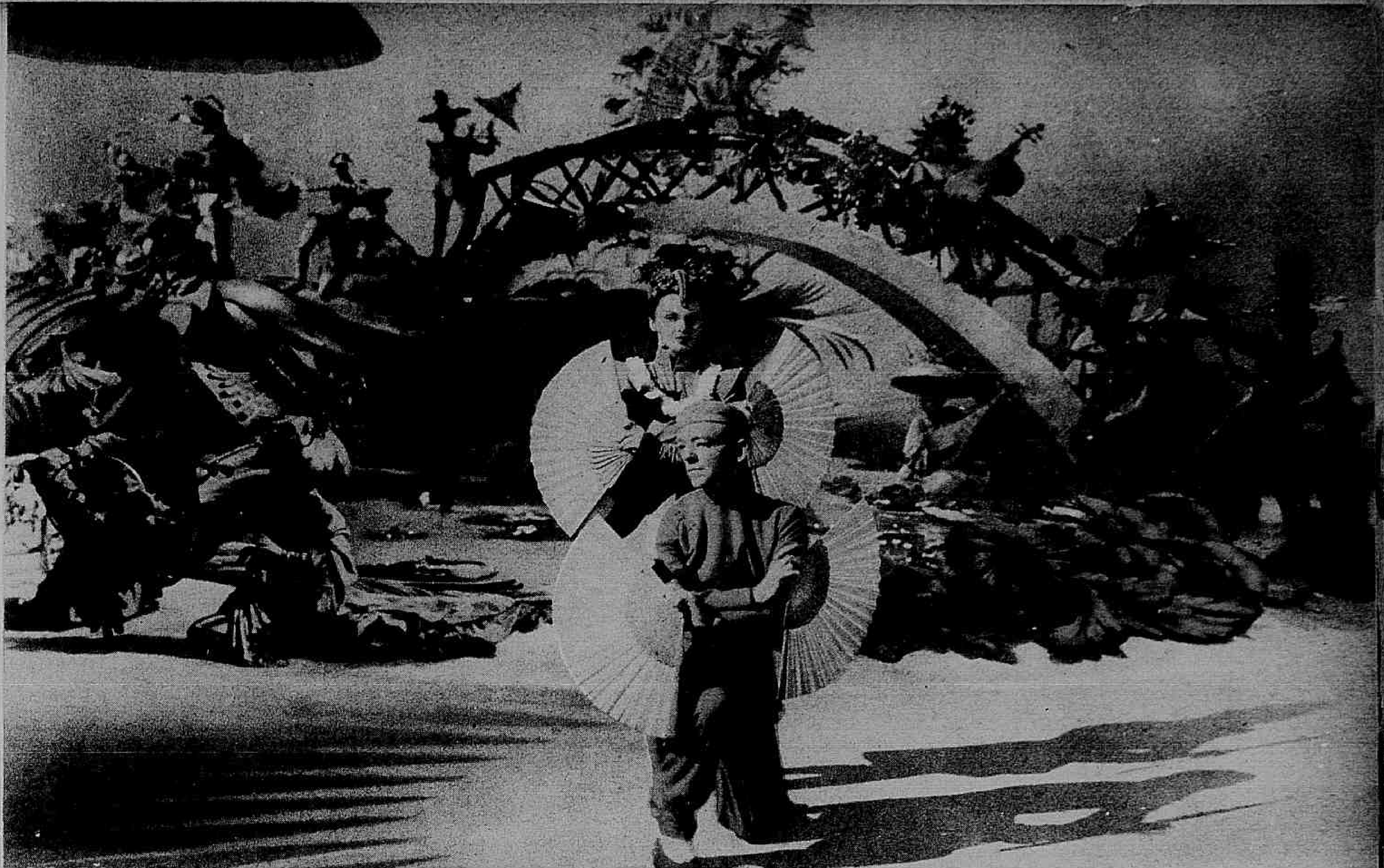
Talvez por lhe terem dado mão mais livre nessa produção, seu subseqüente trabalho cinematográfico foi menos satisfatório. Os dois bailados do filme «Dançarina Russa» (On Your Toes), de 1939, «La Princesse Zenobia» (paródia de Sherazade), levam a pior na comparação com os originais do palco; inevitàvelmente, sutis efeitos cômicos e dramáticos tornaram-se grosseiros. Mas o «pas de deux» em ambos os bailados guardou algo de sua surpreendente beleza original.

Para «A Sedutora Aventureira» (I wan an adventures), de 1940, em que o próprio Balanchine aparecia, por breves momentos, fêz êle o arranjo de alguns excertos do «Lago dos Cisnes», adaptando para a câmara o adágio clássico no estilo Petipa-Ivanoff, com resultados que teriam sido mais satisfatórios caso não fôssem arruinados pela apresentação vulgar| Inclusive um cenário com um candelabro suspenso no meio da floresta, um príncipe em armadura de malha, alguns cisnes reais e uma porção de água. O número «Magia Negra», em «Coquetel de Estrêlas» (Star-Spangled Rhythum), de 1942, solo para Zorina, era um «travesti» do gênio de Balanchine. Também iniciou os ensaios de um filme projetado: «The life and loves of Anna Pavlova», que talvez, felizmente, foi arquivado.

Balanchine é o maior coreógrafo vivo, e tem dado alguma consideração aos problemas do bailado cinematográfico. Pena é que nunca lhe tenham permitido pôr em prática tôdas as suas idéias. Seja como fôr os filmes por êle coreografados foram melhor sucedidos que quaisquer outros. Se, de futuro, o «ballet» deve integrar-se melhor nos filmes, será, provàvelmente, mister usá-lo ais como comentário de uma situação, conforme Astaire e Kelly têm usado, com êxito, danças de outras espécies. Sòmente assim podem diretores e coreógrafos libertarem-se

Experiências cenográficas louváveis: reminiscências das antigas. Pantomimas na França: o grande Jean Louis Barrault em «Les enfants du Paradis».





«A dança dos leques», revivescência de bailados chineses. Fred Astaire e Cyd Charisse em «Tristezas do Bairro Chinês», um dos números do segundo «Ziegfeld Follies», da Metro.

convincentemente das convenções do palco que, quer sejam demasiado servilmente obedecidas ou demasiado flagrantemente ignoradas, impõem, de uma ou de outra forma, hoje em dia, limitações artificiais ao «ballet» no cinema.

Desde os primeiros dias do cinema tem havido filmes de diferentes tipos de dança, etnologia social e teatral. George Amberg compilou um catálogo de filmes de dança (Dance Indez, maio de 1945), que não pretende ser completo (omite peças comerciais, em que surgem seqüências isoladas de dança), e, entretanto, relaciona mais de 700 itens, alguns dêles remontando a 1897.
muito maior êxito no cinema. «Revolucionário Romântico» (Knickerbacker

Outras formas de dança que não o «ballet» foram tratados com Holiday) quanto ao mais, um insípido musicalzinho, precipitava-se ex, abrupto em flama e paixão naquela dança magnlficamente fotografada e absolutamente inoportuna, pela dançarina hispno-cigana Carmem Amayn. «Song of Ceylan», de Basil Wright, continha alguns aspectos excitantes das dançarinas candianas, e uma fascinante cena tomada numa escola de dança de aldeia. O musical negro «Tempestade de Ritmos» (Stormy Weather) tinha, além do belo sapateado de Bill Robinson e dos irmãos Nicholas, um interessante trabalho de Katherine Dunham e seu soberbo grupo, em que a técnica do «ballet» ortodoxo mesclava-se com movimento moderno e o estilo desenvolvido pela coregrafia cm base em suas extensas pesquisas sôbre a dança etnológica do negro. Havia, em «A Grande Valsa» (The Great Waltz), com Duvivier, um cena original em que não só os dançarinos, mas a própria câmara dançavam vertiginosamente os «Contos dos Bosques de Viena», de Strauss. em que Anne Crawford dançava destramente um tango. O «charieston» uma reconstituição brilhante de um «thé dansant» da época de 1919, Foi surpreendente encontrar em «Eram Irmãs» (They Were Sisters) foi simpàticamente tratado em filmes tão diversos como «Margie» e «This Happy Breed» e houve, naturalmente, a inesquecível criação de Joan Crawford em «Garôtas Modernas» (Our Dancing Doughters), de 1928.

E como a mímica é uma importante subdivisão da dança, há que mencionar também as seqüências mímicas de Jean-Louis Barrault, se tornava morbunda. Enfim, como exemplo da maneira por que a du Paradis), que trouxeram vida nova a uma técnica que ràpidamente particularmente a primeira, em «O Boulevard do Crime» (Les Enfants dança pode, ser usada, não por si mesma, mas para elevar a tensão de um clímax, pode-se citar como exemplo a seqüência da tarantela em «Lumière d'Eté», de Gremillon.

(Continua no próximo número)



Vera Zorina, que tanta participação teve nos primeiros «ballets».

# 80 Pré-estréias do Festival

cobertura crítica de JONALD, C. MAXIMIANO E SANIN

(Continuação dos seis anteriores números)

"A CENA" completa, hoje, a crítica de 73 das 80 Pré-estréias do Festival Internacional. Entre todos os jornais e revistas presentes à realização, tanto do estrangeiro quanto do Brasil, "A CENA" foi o único órgão que efetuou esta cobertura, de maneira completa. Os sete e últimos filmes da resenha total, entre os quais se incluem diversas obras de valor serão analisados a partir do próximo número, na Seção de Pré-Estréias (Página 3) e são os seguintes:

4 ps: "NOITES DE CIRCO" (SUÉCIA)
3,5 ps: "FLAMENCO" (ESPANHA)
3,5 ps: "GENEVIÈVE (INGLATERRA)
3 ps: "JULIETTE" (FRANÇA)
3 ps: "MARIA MADALENA" (ARGENTINA)
3 ps: "CERRO DOS ENFORCADOS" (PORTUGAL)
3 ps: "CONDENADOS" (ESPANHA)

ESTADOS UNIDOS NAS JORNADAS

## 2 ½ – "COMO AGARRAR UM MILIONÁRIO"

CINEMASCOPE

Cinemascope com Marilyn Monroe, eis um êxito comercial assegurado. Trata-se de uma comédia com diversas situações divertidas. Entretanto, o diretor Jean Negulesco, cuja inclinação não está evidentemente no humorismo satírico — base do filme — nem sempre retirou partido dos motivos. Desta maneira, não há um equilíbrio de forma a avivar o roteiro de Nunnaly Johnson. Por sua vez, êste famoso cenarista, talvez por influência do inegável valor, valor que representa o Cinemascope, procurou os seus efeitos para a descoberta mas não mostrou uma estrutura geral à altura dos seus méritos. Apesar dos reparos, o filme sempre bem defendido por alguns dos seus intérpretes, sempre vem a apresentar, em conjunto, um nível de divertimento, sem maiores pretensões. Houve cuidado e gôsto em matéria de colorido, fotografia — Joe Mac Donald em grande forma — e de efeitos visuais e auditivos para o Cinemascope. Os atores dêste filme "roubam" a película das sensacionais "estrêlas" do elenco. De fato, William Powell, Cameron Mitchell e Fred Clark suplantam tôdas elas. Betty Grable, por sua vez, ambientou-se bem à história e Lauren Bacall, mesmo sem estarem nas suas possibilidades superam, por sua vez, a Marilyn! Esta parece sentir o exagêro da publicidade pois, no comêço dêste ano, interpretou apreciàvelmente um bom papel, com nuances dramáticas, em "Almas desesperadas". Título original: "How to Marry a Millionaire", 20th C. Fox.

FRANÇA NO FESTIVAL

## 2 – "O AMOR DE UMA MULHER"

Bom assunto, desperdiçado pela falta de sentido humano geral. Expõe o caso de uma médica que, desprendida pela profissão, luta em tôrno do amor de um engenheiro. A proposição dêste romance de que é que, nesses casos a mulher não foi feita para o afeto de um homem e sim da humanidade. Entretanto, a direção de Jean Gremillon não demonstrou profundidade a fim de atingir o sentido espiritual que a boa história solicitava. Tampouco conseguiu captar algo de poético tanto do lado interior quanto da atmosfera ambiente: a ação decorre em uma ilha isolada, ao largo da costa da Bretanha. Muito menos ainda em tôrno da composição dos quadros, sem maior expressão ficando, assim, frustada a sua conduta em todos os aspectos, inclusive no interpretativo. Causa pena quanto lutou a boa atriz Micheline Presle, sòzinha, tentando avivar, sem resultado, um papel que um Autant Lara, por exemplo, conseguiria elevar. Entretanto, o que o filme tem de pior é a presença de Massimo



«Os brutos também amam» magnífico filme americano dirigido por Georges Stevens

Girotti, simplesmente deplorável no papel do engenheiro. Álgido, insensível, age como se fôra um rústico — aliás, êle deve ser, em essência — e não como homem culto e, muito menos, apaixonado. Mesmo os atores secundários, onde se encontra um Paolo Stoppa, nada conseguem. Os outros: Gaby Morlay, Garette, Marc Cassot, etc. Título de origem: "L' amour d'unne femme".

**FRANÇA NAS JORNADAS**

## 3 — "RUE DE L'ESTRAPADE"

Especializou-se Jacques Becker em comédias conjugais. Esta é a terceira de um "ciclo" em que a primeira foi extraordinária ("Antoine et Antoinette") a segunda muito boa ("Eduardo e Carolina") e, a terceira apenas razoável, sujeita a diversas restrições. A culpa dêste declínio deve-se ao próprio Becker que jamais deveria ter escolhido esta trama, frágil e conhecida. Em lugar de se ro próprio autor do roteiro (de parceria com a autora do conto, Anette Wademant) deveria ter encarregado outrém de fazê-lo. Sòmente assim teria evitado em repetir-se. O entrecho do atual filme faz parte de uma fórmula vista em centenas de realizações, em todo o mundo. O casal feliz; a divergência, por ciúmes; a separação e um terceiro que se insinua à jovem espôsa; quando tudo parece perdido, vem o imprevisto e se reconciliam. Apesar dos seus vários defeitos, há a classe do orientador que impede a derrocada. Contudo, ainda assim Becker poderia ter obtido mais ainda dos atores Não retirou o que era possível de Louis Jourdan, bom elemento bem assim da encantadora Anne Vernon. Daniel Gelin, um ator "standard" está melhor do que em seus últimos e fracos papéis e Micheline Dax aparece sem maior destaque. Acabamento técnico-artístico correto. Título oriignal: "Rue de l'Estrapade".

**ITALIA NO MUSEU DE ARTE MODERNA**

## 3 — "BELÍSSIMA"

Já havíamos assistido a êste filme, no 2.º Festival Internacional de Punta Del Este. Há boas intenções satíricas na historia. Fixa a ambição de certas mães que desejam que a filha seja um prodígio. A arte do cinema foi a escolhida, prestando-se, assim, para melhor caricaturar certos aspectos internos. O tema é valorizado pelo esplêndido desempenho de Anna Magnani no papel da mãe, uma mulher do povo. Entretanto, o roteiro permitiu um excesso de diálogos que, freqüentemente arrasta o desenrolar. Não era, certamente, um assunto para Luchino Visconti, o diretor. Porém, é mantida uma curiosidade geral que, apreciada em conjunto, torna apreciável o filme. Há situações divertidas e outras irônicas, bem aos moldes do neo-realismo peninsular e pena o defeito de planificação. Do contrário, e com um De Sicca na orientação, por exemplo, poderia ser um admirável filme. Ao lado da Magnani, aparecem Gastone Renzelli, Concetta Apicella, Walter Chiari (hoje famoso), Linda Sini e outros. Em "pontas" a falecida Maria Montez, o diretor Alessandro Blasetti, Silvana Pampanini e Amedeo Nazzari. De qualquer forma é um espetáculo que pode ser visto pois tem as suas caracteríscas de divertimento e originalidade. Quem conhecer o idioma italiano gostará mais um pouco porque muita coisa se perde com o desconhecimento dos diálogos. Título de origem: "Belíssima".

**ESTADOS UNIDOS NAS JORNADAS**

## 4 — "OS BRUTOS TAMBÉM AMAM"

Já havia sido analisado em uma Pré-estréia anterior ao Festival, publicada na "A CENA" n.º 8. Trata-se de um dos melhores "westerns" a que assistimos nos últimos anos. Superior, inclusive, a "Matar ou morrer". Tudo é eminentemente funcional através a direção de George Stevens, o realizador de "Um lugar ao sol". Inclusive em volta de todos os participantes conseguindo, até mesmo de Alan Ladd um bom desempenho!

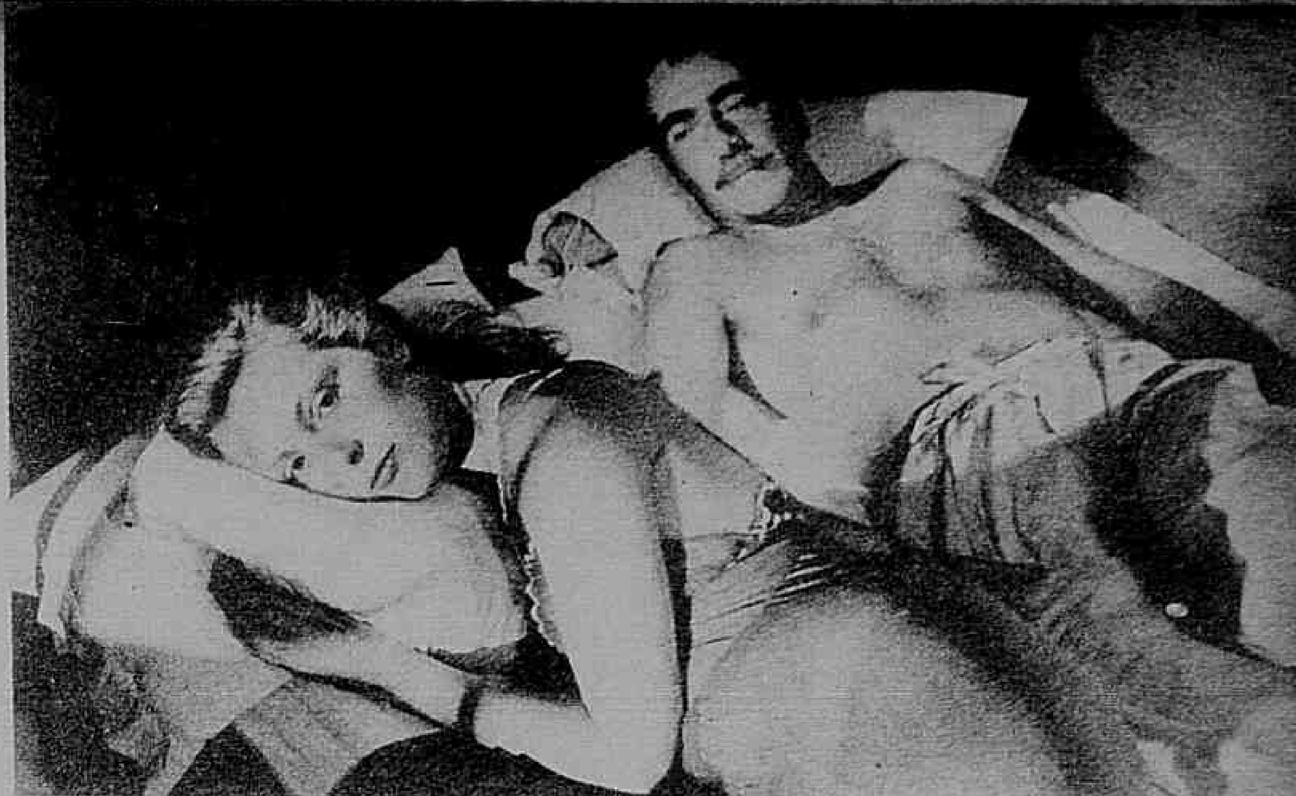
## 4 — "HUMBERTO D"

Esta película já havia sido alvo de análise, em "A CENA" n.º 7. Embora oficialmente inscrita no Festival só foi projetada cêrca da metade da sua duração. Isto, porque, estava defeituosa a cópia enviada. Por êste mesmo motivo, deixou de ser incluída no Julgamento publicado na "CENA" n.º 11. O filme tem um nível digno como forma e cinema. O conteúdo não cumpre totalmente o intento mas forma um conjunto que tem o seu valor, conforme já analisamos.

**BRASIL NAS JORNADAS**

## 3 — "O CANGACEIRO"

Bom filme, julgado como cinema internacional. Isto trouxe justo orgulho ao Brasil ainda mais que a película vem sendo bem recebida na Europa. A principal qualidade está na unidade de composição plástica, funcional em todo o transcurso. Até então, outros celulóides não haviam logrado êste plano. Outros méritos estão no equilíbrio da fotografia no interêsse das músicas e no desempenho geral dos atores, particularmente de Milton Carneiro. Entretanto, dois efeitos também são destacáveis. Um dêles é o conteúdo, inóspito, desdobrando apenas a maldade. Seria lícito expor até mesmo maior dureza daqueles homens desde que deixasse, pelo menos, uma proposição de algo melhor. Outro defeito é a construção do roteiro. Não há suficiente agilidade de desenvolvimento e diversos acontecimentos surgem sem o devido preparo. Embora os defeitos da base, de sua própria autoria, Lima Barreto revelou-se um excelente diretor.



França: «Os sete pecados capitais»

**BRASIL NAS JORNADAS**

## 3 — "SINHÁ MOÇA"

O conteúdo revela um romance, de base histórica, com finalidade construtiva. Uma magnífica idéia, plena de louvores, a de fixar importantes fases da nossa história. Entretanto, embora o romance tenha os seus apreciáveis aspectos, peca pela falta de maior profundidade em tôrno de costumes e personagens. O roteiro teve as suas falhas embora revele certa argúcia para a movimentação rítmica. Em determinadas soluções, se apegou a algumas das fórmulas comuns ao cinema americano. Mesmo faltando um sentido mais nacionalistas e com tôdas as inevitáveis restrições, ainda foi um bom filme. Embora com ligeiras quedas, manteve a direção de Tom Payne e Osvaldo Sampaio um satisfatório nível, refletido nos desempenhos de Anselmo Duarte, Eliana Lage e Ruth de Souza. Equilíbrio fotográfico de enquadração etc., vieram em favor do conjunto.

**BRASIL NAS JORNADAS**

## 2 — "O SACI"

A idéia é altamente louvável. Fixar o grande e saudoso Monteiro Lobato em imagens e, ao mesmo tempo, cumprir um motivo esquecido mesmo no cinema internacional: o filme para crianças. O assunto de "O saci", simples, humano e de tanta beleza nos seus vários aspectos não foi, entretanto, transposto à altura. Ainda assim, é um filme que desperta simpatia, embora com uma série de intuitivos defeitos. Adaptação e roteiro foram bem intencionados mas sem facilitar a atmosfera descritiva que o tema clamava. Nota-se que o diretor Rodolfo Nanny lutou com as dificuldades comuns ao meio e agravadas pelo fato de grande parte das filmagens serem em exteriores. Entretanto, embora a falta de ritmo, demonstrou senso psicológico. Muitas das seqüências com as crianças estão naturais e agradáveis. Faltou, também, unidade à fotografia. Nos exteriores há momentos muito bem mas, em outros, já não houve o mesmo nível. A iluminação dos interiores é fraca sentindo-se, porém, a precariedade de material. Enfim, um dêsses filmes de esfôrço em que a captação dos sentimentos infantis, em plena ingenuidade, é, ao lado da história, um dos pontos altos. E convém guardar os nomes dos intérpretes: Aristéia Paula Souza, Olga Maria, Lívio Nanny, Paulo Matosinho e Yara Von Tresller.

**VENEZUELA NO FESTIVAL**

## 2 — "LUZ EN EL PARAMO"

Através desta sua primeira apresentação entre nós mostra o cinema venezuelano características que o prendem ao teatro. Desde o roteiro que se nota esta tendência a fim de que tudo repouse nos diálogos. O responsável por esta base foi o mexicano Victor Uruacha, também o diretor da película. O defeito desta planificação é clamoroso, arrastando as seqüências sem a menor necessidade. Julgado como diretor, apesar do sofrível plano revelado, Uruacha é muito superior ao cenarista pois, neste setor foi um desastre. Conseqüentemente, não podia haver unidade de narrativa. Depois, a história tem o seu vínculo com o dramalhonesco. Apesar de tudo, ressalte-se o esfôrço dêste cinema sul-americano. Os ambientes de exteriores são bons, embora nem sempre com harmonia fotográfica. Os atores, mesmo sacrificados pelo roteiro, forçados a declamarem são o ponto de interêsse e de agradável surprêsa.

**(Continua na pág. 33)**

# DE TODO O MUNDO

**(Serviços especiais para A CENA, coordenados por L. BOLTSHALSER)**

Nesta bela e diferente fotografia, Esther Williams pede silêncio para a sua nova filhinha, Susan, dormir. Ela tem dois outros: Esther e Ben Gage

**ESTADOS UNIDOS**

GENE Kelly pôs, finalmente, um ponto-final na realização de «Invitation to the Danse». As filmagens se estenderam por todo um ano, e, iniciadas na Inglaterra, foram, finalmente, terminadas em Hollywood. Êste grande filme de dança se compõe de numerosos «ballets» e interlúdios coreográficos, e, no final; Gene apresenta um desenho animado no qual êle combina duas técnicas inteiramente diferentes, ainda que semelhantes por sua precisão extrema.

Ann Blyth terminou sua atuação em «O príncipe estudante» e toma, agora, umas férias temporárias, enquanto aguarda a visita da cegonha. Já está sendo preparada a sua «rentrée», que será numa comédia musical de grande espetáculo, intitulada «Oklahoma».

Pela segunda vez, Marilyn Monroe é suspensa por seu estúdio. A «estrêla» vem de recusar o papel principal de «Pink tights», qualificando o «script» do filme de inteiramente nulo. Enquanto isso, Debra Paget, Terry Moore e Sheree North disputam entre si a honra de suceder à inimitável Marylin

Em Hollywood, atualmente, numerosos «astros» se empenham numa campanha destinada a conceder um «Oscar» a Greta Garbo. Desejam, assim, reparar a injustiça de que foi vítima «A divina», que em sua longa estada em Hollywood não recebeu nunca o cobiçado prêmio da Academia.

Ida Lupino e Howard Duff reconciliaram-se. É pitoresco notar que a reconciliação operou-se no momento exato em que Ida, sobraçando o cenário de «The story of a cop», partia para Palm Springs, onde pretendia trabalhar na eliminação no «script» do personagem que cabia a Duff representar...

Clark Gable deixou a M.G.M. de forma definitiva. Seu herdeiro será Stewart Granger, que desempenhará o papel antes destinado a Gable em «O fogo verde». Quem está inconsolável é Jean Simmons. Nem bem seu marido tinha regressado de Londres, mandam-no de volta ao estrangeiro, desta vez para plena selva colombiana.

**MÉXICO**

Continuam as filmagens de «Jardim do mal», retardadas pelo mau tempo. O filme promete ser uma obra-prima em matéria de violência. Quase todos os intérpretes, inclusive Susan Hayward, vêm apresentando equimoses, resultado das cenas mais violentas. A última vítima é Cameron Mitchell, que, no decorrer de uma luta com Gary Cooper, teve uma orelha quase arrancada. Foi necessária a interferência de um médico, que coseu-a novamente no lugar.

**FRANÇA**

Raymond Pellegrin, o Gino de «Somos todos assassinos», aparecerá em «Les intrigantes», na pele de um diretor de teatro. O filme é de Henri Decoin, que também escreveu o cenário, e duas novas «estrêlas» francesas nêle tomam parte: Jeanné Moreau e Etchika Choureau, a sensacional revelação feminina de «Les enfants de l'amour», que estêve em São Paulo por ocasião do Festival de Cinema.

Danièlle Darrieux recebeu propostas para fazer televisão. A «estrêla» não respondeu nem afirmativa nem negativamente. Atualmente, ela atua, ao lado de Etchika Choureau em «Mes sept places». Em abril deverá estrelar, ao lado de Gérard Philippe «Le rouge et le noir», extraído do romance de Sthendal, sob a direção de Claude Autant-Lara. Só quando estiver livre dêsses compromissos, a graciosa Danièlle estudará as propostas da TV e dará uma resposta definitiva.

Fernandel será o «astro» principal de «Ali-Babá e os quarenta ladrões», um conto das «Mil e Uma Noites», a ser adaptado pelo famoso cenarista italiano Cesare Zavanttini, e dirigido por Jacques Bécker.

**ITALIA**

Pela segunda vez, Marylin Monroe é suspensa as «estrêlas» de Cinecittà. Depois da bela Gina Lollobrigida, uma outra rainha do «sex-appeal» italiano, Rossana Podestà, espera um bebê para muito breve. Tôdas as duas já tiveram de abandonar suas atividades, deixando-se ficar em casa. Rossana declara que passa o tempo lendo a volumosa correspondência que lhe enviam os fãs.

20th Century-Fox
apresentará
CINEMASCOPE
A MARAVILHA DO SÉCULO!

COM O MARAVILHOSO
Som Estereofônico

NUM DRAMA DE INTENSO
REALISMO E DE
PROFUNDO AMOR!

O Manto Sagrado
(The Robe)

TECHNICOLOR

RICHARD BURTON
JEAN SIMMONS
VICTOR MATURE
MICHAEL RENNIE,
e milhares de participantes

DISPENSA O USO DE Oculos especiais

Dia 14 de Abril no PALÁCIO

PROIBIDO PARA MENORES DE 10 ANOS
ACOMPANHA COMPLEMENTO NACIONAL



Gary Cooper em «Volta ao Paraíso», da United.

# CARTAZES



Orientação crítica de JONALD, L. BOLTSHALSER e H. ANDERSEN ★ Em São Paulo: C. MAXIMIANO

**Cotações de A CENA (de 0 a 5 pontos): 5 — excepcional; 4 e 4 ½ — ótimo e admirável; 3 e 3 ½ — bom e muito bom; 2 e 2 ½ — sofrível e regular; 1 e 1 ½ — fraco; ½ — detestável; 0 — inqualificável.**

### PRÉ-ESTRÉIA DA PRÓXIMA SEMANA

## 2 ½ — "AVENTUREIROS DO MISSISSIPI"

No grande serviço de antecipação de críticas, exclusivo no Brasil em A CENA, já foi êste filme analisado no Festival Internacional de São Paulo. Rudolph Maté, um diretor de qualidades e grande fotógrafo, imprimiu um correto tratamento à história, de nível comercial. Com o seu esfôrço, tornou-se um celulóide razoável. O cenário é a Nova Orleans de 1854. Tyrone Power e Piper Laurie são os principais, conforme a minuciosa análise, publicada em 17 de março do corrente ano.

### PRÉ-ESTRÉIAS DA PRESENTE SEMANA

## 2 — "SPARTACO"

Roma da era pagã, as lutas dos gladiadores, os deprimentos espetáculos de multidões que aplaudem o morticínio de homens, dilacerados pelas feras, as lutas e orgias, etc., representam o «ciclo» do atual cinema. Os Estados Unidos e a Itália tal qual os degladiadores, buscam as palmas de um outro público, o contemporâneo. Esta película vem novamente provar de que não é fácil evocar a involução de Roma de outrora. Não basta e veracidade dos ambientes nem tampouco o apoteótico dos quadros. É indispensável a unidade descritiva, a sensação de verdade e tudo isto não existe nesta película. Por dois aspectos o filme parece uma colcha de retalhos. Primeiramente em função do argumento. De fato, após dezenas de assuntos com os mesmos vínculos, inevitável é a saturação. Depois, as próprias imagens fornecem a lembrança da desunião. Esta película é um típico exemplo de um roteiro mal articulado. Por vêzes, sente-se que o defeito nasceu da idéia de sintetizar. De outras por falta de suficiente maturação: é a obra apressada, de base puramente comercial, destinada a aproveitar a «febre» de películas dêste gênero. Em meio de tudo isto, seqüências isoladas apreciáveis mas sem unidade conjunta. Portanto, deixou a desejar a conduta do diretor Ricardo Fredda, aquêle péssimo diretor de «Carlos Gomes» («Il Guarany»). Nas suas imagens sentem-se alguns dos defeitos referidos ao roteiro, inclusive na falta de maior apuro artístico. Sendo êstes os alicerces da película, seria demais exigir o milagre dos atores. Desencumbem-se sem comprometer, valendo-se dos recursos próprios e não insuflados por obra de direção, conforme Yves Vincent. Outros, sem fôrça da direção, como Massimo Girotti. Há aquêles que são demasiadamente maus, como Gianna Maria Canale. Ludmilla Tcherina, grande bailarina é, entretanto, fraca atriz. Enfim, um trabalho sem equilíbrio, com pontos isolados, distinguíveis, mas que não compensam os defeitos. Título original: «Spartacus», distribuição da Tele Filmes.

## 2 ½ — "MINHA ESPADA, MINHA LEI"

Êste filme já foi analisado nas «80 Pré-Estréias do Festival», na A CENA de 17 de março. Filme de aventuras, de nível comercial, mas regularmente orientado na direção de William Keighley, um antigo especialista do gênero («O príncipe e o mendigo», etc.). Há muita ação mas não faltam lugares comuns às novelas de Robert Louis Stevenson. Errol Flynn, em declínio, já não é mais um «Capitão Blood» para êsses novos filmes de rapinagem. Filme em «technicolor» da Warners, minuciosamente criticado no número acima.

## 2 — "O BANDO DE RENEGADOS"

Raoul Walsh dirigindo um sofrível espetáculo de cinema. Trata-se de outra das «80 Pré-Estréias do Festival», minuciosamente analisado em A CENA de 3 de março. A história é comum mas poderia ser melhor aproveitada caso Raoul decidisse fazer bom filme. Rock Hudson é o principal mas ninguém se livra da fragilidade geral. «Technicolor» da Universal.

### FILMES EXIBIDOS A PARTIR DE 5 DE ABRIL

## 3 — "JOANA D'ARC"

(«REPRISE»)

A vida de Joana D'Arc requeria uma atmosfera de espiritualidade. Porém, êste motivo está ausente do filme. Falta, também, uma sensação de atmosfera descritiva mais verdadeira. Sente-se muito a elaboração, o estúdio. Por outro lado, o objetivo foi, também, impressionar, pelo aparato. Basta lembrar a modéstia dos ambientes em que se rodou uma das obras antológicas do cinema — «O martírio de Joana D'Arc», com Falconetti — a fim de recordar que, em sua essência, êste filme fugiu à finalidade. O que há de melhor neste filme, agora em «reprise» é o ritmo da direção de Victor Fleming. Isto favorece bons momentos mas, em conjunto, falta a flama interior. Esta foi a décima filmagem pelo cinema da vida da Donzela de Orleãs e, embora a mais faustosa, tem os seus intuitivos defeitos. Inclusive na parte interpretativa. Apesar de várias expressões ou passagens felizes falta algo na atuação de Ingrid Bergman. Difere tanto histórica quanto emocionalmente da santa. José Ferrer tem uma vigorosa interpretação. E há, também, bons desempenhos secundários: Ward Bond, Shepperd Srudwick, J. Carrol Naish, Gene Lockhart, Roman Bohen, George Coulouris e outros.

## 1 — "O LAÇO DO CARRASCO"

Outro monótono capítulo acrescido à já tão prolongada história da guerra da Secessão, «O laço do carrasco» seria uma verdadeira canção de ninar, não fôsse o tiroteio que impede o mais inocente cochilo do espectador. Um grupo de soldados sulistas carregados de ouro é sitiado por um bando de desordeiros numa casa de beira de estrada. Os ocupantes desta são todos nortistas e, naturalmente, hostis aos guapos militares da terra de Beauregard. A dona da casa perdeu recentemente o filho na guerra; e há também uma enfermeira bonita e providencial, que trata dos feridos e namora, com alguma relutância, o chefe da turma de sulistas. A ação do filme se resume numa troca de tiros, resultando que todos os litigantes, exceto dois, são transformados em paliteiros. Há até um «goal» contra: um bandido que atira, por engano, num companheiro. E também uma luta sensacional, na qual Randolph Scott se atraca corpo a corpo com um vigoroso cavalo. E, salve seja, sai vitorioso. Mas como dizíamos, dessa liquidação escapam ilesos dois. O herói sulista desposará a enfermeira, e um rapazinho órfão, do mesmo «team» arranja na nortista uma mamãe adotiva. Com a família assim completa, e com o Norte e o Sul assim irmanados, acaba o espetáculo. O responsável por isso tudo é um estreante, Roy Huggins, que inicia dêste modo sua carreira de diretor com pé esquerdo. Revela-se pálido e inexpressivo, talvez efeito do excesso de tiros que êle teve o cuidado de colocar no «script», de vez que êste também é de sua autoria. De qualquer forma, o melhor é fugir do «Laço do carrasco». Mesmo os apreciadores de ação ficarão decepcionados. O elenco atua com discrição. Título original: «Hangman's knot», produção Columbia lançada na linha do Pathé.

## 2 — "A MULHER QUE VENDEU A ALMA"

Levando avante a série de apresentações tiradas das prateleiras empoeiradas e até há pouco esquecidas, a Art Filmes leva esta semana ao Rivoli «A mulher que vendeu a alma», película dita premiada em Veneza. Baseado em uma novela de Crossiet, esta primeira adaptação para o cinema foi realizada na Suécia e apresenta como principal atriz Ingrid Bergman numa boa atuação. Posteriormente Cukor dirigiu a versão americana, que ultrapassou muito êste «A mulher que vendeu a alma». Intitulava-se «Um rosto de mulher» e apresentava Joan Crawford numa das suas melhores aparições na tela e, ainda, o impressionante Conrad Veigdt. «A mulher que vendeu a alma» constituirá apenas uma curiosidade para o fã de Ingrid Bergman. Esta película foi dirigida por Gustaf Molender e data de 1938. «A mulher que vendeu a alma» estreou no Rivoli.

Ava Gardner e Clark Gable na pré-estréia do Festival M.G.M.: «Mogambo»



# Revista

## 1 — "CUSTA POUCO A FELICIDADE"

É uma película modesta dirigida por Geraldo Vietri. Apresenta uma forma cinematográfica muitas vêzes superada no próprio cinema nacional. Entretanto a história apesar do fraco desenvolvimento, falho sob o ponto de vista cinematográfico, apresenta uma mensagem de bondade e solidariedade humana. Nos principais papéis estão a sorridente Vera Nunes e o simpático Paulo Geraldo, que merece um lugar entre os mais conhecidos galãs do cinema nacional. Há alguns aspectos ligados a um lar simples que agradam. Destaca-se a seqüência em que o herói vai pedir a moça em casamento e ocorrem uma série de curiosidades no jantar. A fotografia e o som são péssimos e há vários erros de direção. «Custa pouco a felicidade», da Oceania Filmes, estreou nos cinemas Metros.

## 1 ½ — "O PECADO DE SER POBRE"

Esta película mexicana está lavrada dos lugares comuns e chavões peculiares ao gênero. Há a mãe velha e carinhosa, porteira de uma casa de cômodos (Cantinflas, também, o fôra desta mesma casa, há alguns anos); um filho extremoso, ex-sentenciado às voltas com uma prostituta; bandidos acafagestados, que terminam por se regenerar, dando a mão da filha em casamento ao mocinho da fita etcétera e tal. Apesar desta miscelânia conseguiu o diretor Fernando Diaz Conde imprimir uma certa unidade dramática e, dentro do roteiro medíocre em que várias situações não conduzem a nada, criar uma atmosfera de drama. Auxiliou-o neste trabalho a boa fotografia de Alexix Phillips, excelente iluminador. Cabe ressaltar uma certa desenvoltura do diretor de números musicais que soube caracterizar ambientes pela qualidade do «show». No «night-club» há os números de Pedro Vargas; a excepcional Ana Maria Ferrero; um côro heterogêneo de «girls», tôdas elas excessivamente dotadas de gordura e de curvas. E as vozes de Ramon Armengod e Bobby Cappo. O filme perde-se em prolixidades. Os diálogos longuíssimos e enfadonhos prejudicam-no sensivelmente. A interpretação em razoável nível não chega a ser totalmente inadequada. Nos papéis principais Ramon Armengod, com muito cacoetes, Guillermina Grin em Irma, correta, Tito Junco, Roberto Sete e outros. Distribuição da Pel-Mex no cinema Asteca e circuito.

### ESTRÉIAS NOS BAIRROS

## 2 ½ — "CORAÇÃO EM TREVAS"

Uma história em que se explora as antigas convenções de uma pequena cidade. Inspirado em romance de Peres Galdos, tem alguns aspectos sociais interessantes. Poderia ter, fàcilmente, recaído no dramalhão mas isto não ocorreu, embora tôda a tragédia do epílogo, graças a certa sobriedade mantida pelo diretor Alejandro Galindo. Porém, o motivo que efetivamente faz ascender a realização é a presença da grande Dolores Del Rio que torna as personagens, mesmo quando vítimas de maledicências comuns, livre dêste aspecto popular demais que, em geral, acaba desagradando. Mais uma vez cumpre uma atuação digna que, por particularmente por ela, torna o filme bem assistível. Esther Fernandez reaparece um pouco melhor do que em outras aparições. Bons os cuidados técnico-artísticos do acabamento. Título original: «Dona Perfecia», filme mexicano, distribuição Columbia, estreado no bairro de Ipanema, no Pax.

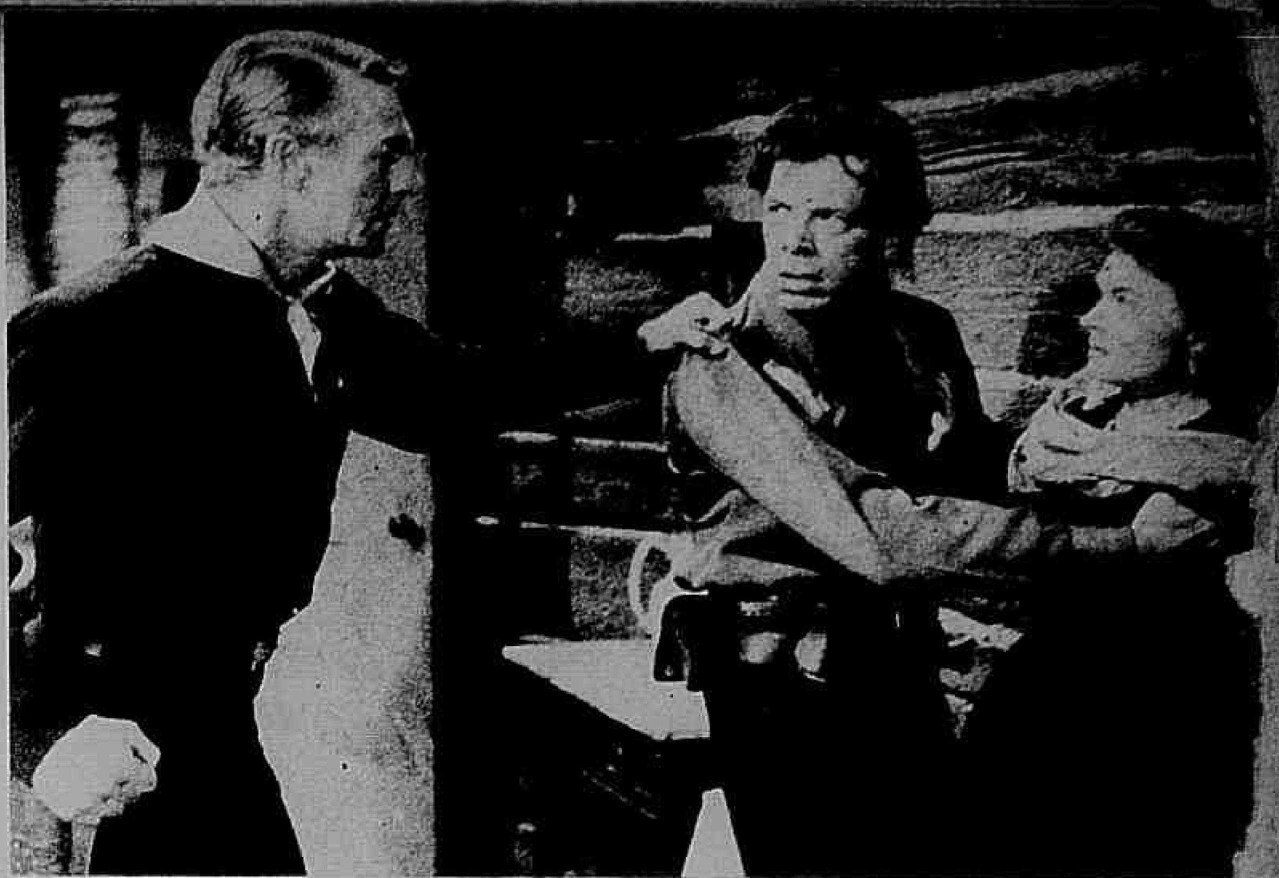
## REGISTROS

**«OKINAWA» («Okinawa», Columbia)** — Filme de linha, de guerra, cuja única curiosidade está na presença do outrora famoso Pat O'Brien, ao lado de Cameron Mitchell, Richard Denning e Rhys Williams. Direção de Leigh Jason. Lançado no Alvorada, do Leme.

**«GRITO DE SANGUE»** — Outro filme banal de guerra. John Derek e Mona Freeman são os principais. Título de origem: «Thundebirds», direção de John A. Auer, um «recordista» de filmes medíocres. Estreado no Roxy (Copacabana), em Caxias (Pax), etc.

**Um idílio do filme «Garôtas de luxo», filme italiano, distribuído pela United.**





**Randolph Scott continuou bem neste «western» da Columbia.**

## LANÇAMENTOS EM SÃO PAULO

### EM «REPRISE»

## 4 — "OS AMÔRES DE HENRIQUE VIII"

A famosa criação de Charles Laughton, que iria ser repetida em «A rainha virgem». Aos que não conhecem a obra é muito interessante assisti-la. O pêso dos anos não influiu. Foi dado um aspecto caricatural e anedótico à personalidade do rei da Inglaterra quinhentista. Na parte de Ana Bolena está Merle Oberon, em um dos seus primeiros papéis no cinema, personagem que seria em «A rainha virgem», interpretada, em uma ponta, por uma atriz também em início de carreira, Elaine Stewart. Em outras encarnações estão Robert Donat, Binnie Barnes e Elza Lanchester. «Private life of Henry VIII». Apresentação da British, no Jussara. Exibido no Brasil, pela primeira vez, em 1934.

## 1 — "LUZES NAS SOMBRAS"

Realizado com os melhores propósitos — o combate ao câncer — mas é um espetáculo difícil de se aturar. Como imagem cinematográfica pode passar, mas a dialogação, em si, bem como no modo de falar dos atores, especialmente quando estão em cena Dorothy Faggin, e os intérpretes de seus pais, cujo trio é ridículo e causa mal estar. Por ser filme brasileiro que todos desejariam melhor. A não ser Noêmia Wayner, seguida de Paulo Maurício, Margot Bitencourt e Hélio Souto quase todos os demais estão abaixo da crítica. A fotografia é clara apenas, sem funcionalidade e a música não tem nada que ver com cinema. Fraca a história, ridículas certas situações e inconveniente a parte científica-educativa. (Estreado no circuito do Metro). Exibido no Rio no ano anterior.

## QUADRO DOS FILMES EXIBIDOS A PARTIR DE 29 DE MARÇO

**«A RAINHA DE SABA» («La regina di Saba»)** — Filme italiano apresentado pela Columbia, com Leonora Ruffo e Gino Cervi. Direção de Pietro Francisci. (No Art Palácio).

**«LADRÃO DE ESMERALDAS» («Siempre Carmen»)** — Cesáreo Gonzalez-Livio Bruni. Filme espanhol, com Ana Esmeralda e Mário Cabré. (No Normandie). Crítica nas pré-estréias do Festival.

**«UMA ESTRÊLA CAIU DO CÉU» («The stars are singing»)** — Paramount, em «technicolor», com Rosemary Clooney e Lauritz Melchior, direção de Norman Taurog. (No Ipiranga).

**«A TRILHA DA AMARGURA» («War Paint»)** — «Far-west» da United, com Joan Taylor e Robert Stack. Direção de Lesley Selander. (No Marrocos, em tela panorâmica).

**«ALIANÇA DE SANGUE» («The Pathfinder»)** — «Far-west» da Columbia, em «technicolor», com George Montgomery e Helena Carter. (No Ópera).

**«PAIXÃO TEMPESTUOSA»** — Produção nacional, da Iris Filme. Com Jardel Filho e Vida Alves. Direção de Antônio Tibiriçá. (No Broadway).

## OUTRAS APRESENTAÇÕES

2 — **«FEITIÇO BRANCO» («White witch doctor»)** — Fox, com Susan Hayward e Robert Mitchum. Direção de Henry Hathaway. «Technicolor». (No Marabá e circuito). Já criticado em A CENA.

2 — **«A NOIVA DE PAPAI» («The girl next door»)** — Fox, em «technicolor», com Dan Dailey e June Haver. (Já criticado em A CENA). No Ritz São João.

3 ⅓ — **«MURALHAS DE ESPERANÇA» («The glass wall)** — Columbia, com Vittorio Gassman e Gloria Grahame. (No Bandeirantes). Já comentado em A CENA.

## PERMANÊNCIA EM CARTAZ

**«OS FILHOS DE NINGUÉM»** — (11ª semana).




# MAMIE VAN DOREN

Mamie Van Doren, ou melhor, Joan Lucille Olander, 21 anos, 1,65 m. de altura, 56 quilos, olhos castanhos, cabelos "platinum blonde", anatomia perfeita. Ex-secretária de um escritório de advogacia, ex-corista de "shows" em "night-clubes", ex-cantora de "foxes", e, também atriz teatral. Já atuou em peças do repertório americano e foi "descoberta" por Phil Benjamin, assistente artístico da Universal. Imediatamente foi engajada no "cast" da companhia logrando grande sucesso, desde o início, graças aos seus dotes físicos. Atuou, até agora, em três filmes: "Alma Invencível", "Lábios que Mentem" e "Yankee Pasha". Apesar de nenhum dêles ter sido apresentado entre nós, Mamie já é bastante conhecida do público brasileiro, graças às abundantes fotografias que aparecem ilustrando as nossas revistas. A Universal, incluindo Mamie Van Doren no seu "cast", contribuiu para a inflação de louras que vem-se verificando ùltimamente no cinema "yankee". Depois, Mamie tem algo que lembra uma outra loura, que posou para uma célebre folhinha.

Descendente de família sueca, conserva muitos dos hábitos que seus pais lhe transmitiram. Sua casa, inclusive, é no melhor estilo sueco. Como tôda moça, tem suas preferências e algumas delas bastante dispendiosas. Deseja ardentemente ir à Europa onde pretende atuar em um filme. Finalizando, qualquer semelhança com Marilyn Monroe, é mera coincidência.

## AS COTAÇÕES DOS LEITORES DE A CENA

(Coupon na página 33)

No intuito de melhor atender às preferências dos nossos leitores e, visando fazer uma revista que seja de seu maior agrado, "A CENA" resolveu estabelecer as bases de um maior intercâmbio entre seu corpo redacional e os fãs de cinema que buscam, em nossa revista, conhecimentos sôbre a "Sétima Arte". Com o preenchimento do quadro que poderá ser encontrado na página 33, através de cotações, os leitores demonstrarão suas preferências assim como as suas sugestões e análises sôbre reportagens etc. As cotações devem ser anotadas no espaço para isto destinado, de 1 à 5, devendo ser enviadas para : "A CENA MUDA", Rua Visconde de Maranguape, 15, Rio. As respostas serão catalogadas por números e após o encerramento, sorteados cinco álbuns sôbre o Festival Internacional de São Paulo.

No próprio interêsse também dos que cultivam o cinema, bem como das diversas outras artes tratadas nesta revista, rogamos a especial fineza de sêrmos atendidos neste apêlo. Tanto mais porque, tomando em consideração o resultado desta "enquête", as seções poderão vir a ser aumentadas ou diminuídas. Aos leitores do interior, pedimos o especial favor de enviarem as suas respostas por via aérea.

# VITORIOSA UMA INICIATIVA DE PEDRO GOUVÊA FILHO

SOB o patrocínio do Instituto Nacional do Cinema Educativo, foi realizada, no auditório do Ministério de Educação e Cultura, uma série de sete exibições de filmes científicos e educativos. Algumas das películas tinham sido por nós assistidas em São Paulo e comentadas em um dos nossos números especiais sôbre o Festival Tudo foi religiosamente cumprido, mostrando, mais uma vez, a orientação de Pedro Gouvêa Filho no I.N.C.E.

As projeções eram iniciadas à hora estipulada e o professor Painlévè contava, em todos os momentos precisos, com a eficiência de um tradutor, o Dr. Edgard Sussekind, que se permitia a observações oportunas e espirituosas, traduzindo «a la lettre» as explicações do prof. Painlévè.

O público, às primeiras exibições limitado, aumentou dia a dia até lotar, finalmente, nas últimas sessões, o amplo auditório do Ministério de Educação e Cultura.

Os filmes revelaram aos inúmeros professôres e alunos a importância do cinema como meio de divulgação e pesquisa. Algumas películas, tais como «Radiocinematografia da Metamorfose da Môsca», «Dança das Abelhas» e «Comportamento de gêmeos», prestaram relevante contribuição à pesquisa e, podemos afirmar, que, ao segundo citado, cabe a principal responsabilidade da formulação de uma lei zoológica, a qual, sem o auxílio do cinema, seria totalmente impossível de descobrir.

Dos filmes de divulgação apresentados devemos salientar os de Painlévè: «Panguro, o eremita», «O Cavalo-Marinho», «Assassinos de água-doce» e outros. Painlévè consegue figuras magníficas, ritmo e narrativa cinematográfica acessíveis até às crianças. Profundo conhecedor de cinema e de biologia, consegue seu filme conciliar a arte à ciência, sem cair em erudições.

«O Cavalo», procedente da Alemanha Oriental, é, talvez, um dos mais perfeitos documentários de divulgação que já assistimos. Parcialmente executado em desenhos animados, apesar de narrado em alemão, é tão acessível que dispensa qualquer narrativa. Êste filme conseguiu fazer-se visível a evolução histórica do cavalo por imagens de qualidade. Foi o mais aplaudido.

Excelente também é «O Gafanhoto», película de divulgação anglo-americana de grande qualidade fotográfica. O filme tcheco «A planta e a água» e o polonês «Minas de Sal de Wiecliczka» (Prêmio do Filme Educativo no Festival de Cannes) se sucederam na preferência do público. Parabéns ao INCE e que iniciativas dêste vulto sejam mais freqüentes são os nossos votos.



**«Ação da adrenalina sôbre a melanina», filme científico de Jean Painlévè. A ilustração é uma calda de camarão ampliada.**

# teatro Música

**OSWALDO DE OLIVEIRA**

Prossegue a Temporada Nacional de Arte. Particular êxito obteve a ópera «O Escravo», de Carlos Gomes.

★

Na segunda-feira da Semana Santa, a «Cultura Artística» fará realizar uma audição de música sacra, que contará com a participação da Orquestra de Cordas da Rádio Ministério da Educação e da Associação de Canto Coral. O programa consiste em duas obras inéditas no Brasil.

★

Encontra-se no Rio a pianista polonesa Czern Stefanska, detentora do primeiro prêmio instituído pelo concurso «Chopin» de 1948. Têm agradado os seus concertos.

★

Realizou-se, no auditório da ABI, um recital da cantora Lêda Coelho de Freitas. No programa constaram músicas de Scarlatti, Handel, Beethoven e outros. Foi um inegável sucesso.

★

Virá ao Brasil, contratado pela ABC, o pianista italiano Arturo Benedetti Michelangeli, onde dará recitais no Rio e em São Paulo. O jovem e talentoso concertista estará no Rio durante o mês de julho.

★

Com grande brilhantismo, a ABC iniciou as atividades da sua grande temporada de 1953. Dentro de alguns números divulgaremos o relato das suas completas atividades para 1953.

NOTAS DE «BALLET»

O «ballet» Society, através da Cultura Artística, excursionou ao nordeste do Brasil, com grande êxito. Foi um belo serviço que esta tão útil organização prestou à divulgação do «ballet» no país.

NO CONSERVATÓRIO BRASILEIRO DE MÚSICA

No corrente mês, será inaugurado no C.B.M. a nova **Seção de Ballet**, sob a direção dos coreógrafos e professôres de «ballet», Pierre Michailowski e Vera Grabiska. As inscrições estão abertas para o Curso de Iniciação ao Ballet para crianças desde 6 anos e terá a duração de 2 anos, com aulas bi-semanais. Para o curso Profissional de Ballet, a idade limite é de 8 anos e terá a duração de 7 anos, com aulas 3 vêzes por semana.

**Concurso para uma vaga gratuita** — Continuando a diretriz de incentivar as verdadeiras vocações artísticas, o C.B.M., além de instituir concursos para vagas gratuitas nos Cursos de Violino, Violoncelo e Iniciação Musical Infantil, resolveu instituir também um concurso para uma vaga gratuita no Curso Profissional de Ballet, concurso êsse que será realizado em fins de março.

PROGRAMA DOS CURSOS DE «BALLET»:

**Curso de Iniciação** — 1º ano — de experiência; 2º ano — de efetivação.

**Curso Profissional** — 1º ano — de admissão; 2º ano — de efetivação.

**Classe técnica** — 1º ano — de desenvolvimento técnico; 2º ano — de desenvolvimento técnico.

**Classe de aperfeiçoamento** — 1º ano — de aperfeiçoamento técnico; 2º ano — de aperfeiçoamento artístico.

**Classe Pedagógica** — 1º ano — de pedagogia coreográfica; 2º ano — de composição coreográfica.

**Cacilda Becker e Jardel Jércolis, intérpretes de «Leito Nupcial», no cartaz em São Paulo.**





**Eva Tudor, principal atriz da peça «Rainha do Ferro Velho».**

## RAINHA do FERRO VELHO

COM êste título, extraído da peça de Garson Kanin, «Born Yesterday» («Nascida Ontem»), cujo filme nos vem à memória, na forma de gratas recordações, Raimundo Magalhães Júnior realizou inteligente tradução. Forneceu substancial conteúdo, a fim de que o equilibrado elenco, dirigido por Luís Iglésias, viesse a apresentar um espetaculo digno de ser por todos assistido. Nesse sentido, queremos ressalvar a necessidade a que se socorreu o autor do original, para imprimir uma forma sintética ao texto, sacrificando, contudo, a linha psicológica da personagem Billie Down, cujas variações de raciocínio são consideràvelmente antiestéticas. Exemplificando: dentro da unidade de tempo, instantes após a ex-corista ignorar o significado de têrmos corriqueiros, nem por isso deixa de proferir ilações altamente intelectualizadas. Essa incongruência do texto, porém, é vencida pela interpretação segura e convincente da Sra. Eva Todor, que, aliás, se apresentou bela e juvenil.

Deixaremos à margem considerações sôbre o entrecho satírico, por demais conhecido, para tão sòmente analisar alguns senões que, absolutamente, não invalidam a direção do Sr. J. Maria Monteiro e a compustura dos intérpretes, de modo geral.

Causou-nos estranheza a marcação no momento do primeiro ato em que Mrs. Hedges (Ada Camargo), espôsa do senador (Rodolfo Arenas) levanta-se, a fim de receber o cumprimento do «casca grossa» Harry Brock (Manoel Pera). Êste, ao apertar-lhe a mão, fê-la cair sentada. Ora, quer nos parecer que a recíproca seria o lógico e, também, de maior efeito teatral, obrigando a senhora Hedges a erguer-se elétrica, ante a pressão inconsciente dos dedos grosseiros de Harry.

Entre outros senões, poderíamos apontar o exagêro das grosserias de Edie Brock, ao servir «whisky» às senhoras. É antigo vício procurar desviar a atenção do centro de gravidade da ação, no caso, o diálogo entre o senador e o rei do ferro-velho. No capítulo dos exageros, temos a acrescentar as pilhas de livros amontoados sôbre o tapête, até ao final da peça.

Excetuadas as observações acima enunciadas, o espetáculo decorre sob a regência de unidade. Manuel Pera tem o domínio da ação dramática, secundado pela Senhora Eva Todor. Quanto aos demais, Afonso Stuart está impecável, o mesmo ocorrendo com Ada Camargo, Rodolfo Arenas e Jorge Gonzaga, no papel de Eddie Brock, um brutamontes imbecilizado. Jorge Dória está discreto, embora, nas cenas finais, se mantivesse um tanto longe da situação, numa impassividade pouco convincente.

Não poderíamos concluir êste rápido apanhado sem falar em Pernambuco de Oliveira que, igualmente, mereceu nossos aplausos pelo cenário que idealizou. (Notas de Gastão Nogueira, emérito professor de arte dramática, que foi especialmente convidado por esta página a emitir a sua valiosa opinião em tôrno da peça.)

# Rádio

EDEL NEY



Sílvio de Oliveira, um novo «astro» que se firma

RECÉM-surgido no Rádio carioca, em 1950, Sílvio de Oliveira obteve vantajosas propostas para se exibir na Argentina, em Rádios, Teatros e «Boîtes», como intérprete da música popular brasileira. Tão grande foi o seu êxito que Sílvio se demorou cêrca de dois anos pelas plagas platinas, percorrendo tôda a Argentina e mais Uruguai e Chile. Em todos os lugares obteve os mais expressivos triunfos, juntamente com o grande Joel de Almeida, seu companheiro de **tournées.**

Durante todo êsse tempo se apresentou, por diversas temporadas, na Rádio Belgrano, de Buenos Aires, e outras importantes emissoras dos países que percorreu, participando, também, de grandes «shows» em teatros e «boîtes».

De volta ao Brasil, Sílvio de Oliveira passou a integrar o «cast» da PRE-NENO, que o tem apresentado nos melhores programas. Aqui, Sílvio vem cantando, com geral agrado, o mambo, o bolero e o tango, ritmos dos quais se tornou exímio intérprete.

Pouco a pouco, caminha para uma grande popularidade, que por certo conquistará, mercê de sua simpatia, fôrça-de-vontade e talento.

No momento, prepara-se para ingressar na discografia, depositando fortes esperanças no disco.

**RADIONOTÍCIAS .**

Por motivo de sua consagração como «O Rei do Disco», de 1953, em recente concurso promovido pela «Revista do Disco», o simpático cantor Carlos Galhardo ofereceu aos cronistas especializados, jornalistas e pessoas amigas, uma grande feijoada. Essa teve lugar no elegante Parque Recreio, na tarde de sábado, 20 de março. Como convidado de honra compareceu a aplaudida Nora Ney, eleita, no mesmo concurso, «A Rainha do Disco», do ano passado. Além dos cronistas Braga Filho, Borelli Filho, Max Gold (que organizou a festa) e outros, estavam presentes, também, o Anselmo Domingos, diretor da «Revista do Rádio», e os cantores Jorge Goulart e Manèzinho Araújo.

★

Aos domingos, às 21 horas, o produtor Henrique Bernardo está apresentando, através da Rádio Mauá, a cena «Quadro de Honra», que vem atraindo a atenção dos ouvintes dominicais.

★

Está circulando a sensacional notícia de que o Sr. Cláudio Neno, diretor da Casa Neno, criador e incentivador da já famosa PRE-NENO, o «Prefixo da esperança» (que tem revelado tantos artistas para o nosso sem-fio), será candidato a vereador, nas próximas eleições.

★

A Rádio Quitandinha, com estúdios no Hotel Termas Quitandinha, em Petrópolis, está apresentando todos os sábados, às 20 horas, o programa «Premier», produção e locução de Ramalho Neto. Em «Premier», desfilam os mais famosos cantores, orquestras e solistas, em gravações inéditas em nosso país, recebidas semanalmente dos Estados Unidos. Os sete números musicais apresentados em todos os programas, são acompanhados de interessantes comentários e notícias.

## DISCOS E NOVIDADES

ALDAIR Soares já é um valor, positivamente consagrado, da nova geração de intérpretes de baiões. Dono de uma personalidade deveras interessante, cativante, Aldair conquistou o público carioca e os diretores da Rádio Nacional, que o contrataram. Está presente nos melhores programas da E-8, onde os ouvintes têm-no aplaudido com entusiasmo. Já assinou, com exclusividade, na Colúmbia, e seu disco de estréia vem fazendo bonita carreira, com a toada-baião de sua autoria "Saudades de Maceió" e o côco "Balança o corpo".

★

EDSON LOPES vem obtendo ótimo índice de venda na Odeon, com o seu mais recente disco, no qual apresenta o samba-canção "Mãos ciganas".

★

WALDIR CALMON e s/orquestra, recordista de vendas da "Copacabana", tem novo disco. Chapa de possibilidades, reúne a bela página "Troppo tardi", em ritmo de bolero, e o chôro "Gaguejando", muito expressivo. W. Coli é o autor da primeira, e Eddie Mandarino — Buda do Pandeiro, os do chorinho.

★

ALTAMIRO CARRILHO e s/bandinha apresentam-se na "Copacabana" com um interessante maxixe "Rio Antigo", de sua autoria, e, na outra face, a valsa "Saudades de Pádua", de Edmundo Guimarães.






## DUAS "ESTRÊLAS"

O título do mais recente filme de Judy Garland, «Nasce uma estrêla» (A star was born), serve, perfeitamente, para definir a situação atual da versátil atriz Gloria Grahame. A notável «estrêla», detentora do «Oscar», como a melhor coadjuvante do ano, pelo seu desempenho em «Assim estava escrito», teve outra grande oportunidade no filme «Precipícios d'alma», ao lado de Joan Crawford e de Jack Palance. Gloria já foi atriz secundária em vários filmes, mas tem-se destacado sempre, roubando para si quase tôdas as cenas em que aparece. Assim aconteceu em «A felicidade não se compra», «Rancor», «Viagem sangrenta», «Macao», etc. Sendo notada pela Paramount, foi colocada no elenco do filme do ano, o «technicolor» de Cecil B. de Mille, «O maior espetáculo da terra». Posteriormente, apareceu em «Os Saltimbancos», da Fox, com Frederich March e Terry Moore; «A parede de cristal», com Vittorio Gassman, e «Os Corruptos», com Glenn Ford, ambos da Colúmbia. Terminou, recentemente, um filme na Inglaterra com John Ireland, e está sendo indicada como provável intérprete de «A bêsta humana», caso Olivia de Havilland não possa interpretar o referido papel.

Rosemary Clooney, a encantadora e simpática cantora da Paramount, alcançou o estrelato no seu filme de estréia, que foi o musical «Uma estrêla caiu do céu», ao lado de Lauritz Melchior e da italiana Anna Maria Alberghetti. Rosemary que, no momento, é a menina dos olhos da marca das estrêlas, foi incluída, recentemente, no elenco de «White Christmas», ao lado de cartazes como Bing Crosby, Danny Kaye e Vera Ellen. Êste filme é um dos mais importantes musicais já realizados, pois introduziu várias inovações, tais como uma nítida impressão de relêvo e som especial. Seus próximos filmes a serem apresentados entre nós, além do referido «Uma estrêla caiu do céu» (não exibido no Brasil) são: «O rei da confusão», com Bob Hope, Arlene Dahl e Tony Martin e Red Garters, em «technicolor», com Guy Mitchell. Se vocês ainda não são fãs de Rosemary Clooney, ouçam o disco «Tenderly», gravado por ela, que encontrarão motivos de sobra para apreciar a festejada espôsa de José (Moulin Rouge» Ferrer.

**Caio Sérgio Hamilton** (Santos)

## 80 PRÉ-ESTRÉIAS...

**(Continuação da pág. 25)**

Com tôda a feição teatral, são valôres francamente aproveitáveis pela sinceridade revelada. Luis Salazar destacou-se entre os intérpretes. O diretor Uruacha — em 1948 dirigiu a versão mexicana de "Ramona" — não era, certamente, o elemento estrangeiro capaz de avivar o futuroso cinema da Venezuela.

**ARGENTINA NAS JORNADAS**

### 2 — A ORQUÍDEA

Embora já muito credenciada em seus país, êste foi o primeiro filme a que assistimos de Laura Hidalgo. Embora a película deixe bem a desejar podemos saudar que a Argentina possui uma grande atriz. Não é, apenas, uma figura de beleza, conforme tantas outras, mas possuidora de marcante personalidade. Basta dizer que esta película, analisada pelo ângulo interpretativo, constitui uma heróica luta. O assunto constitui um dêsses incríveis melodramas, pleno de acentuações e pontos duvidosos, inacreditáveis, etc. Contudo, a notável intérprete não demonstra um único instante sequer de vacilação, portando-se com tal segurança que ainda permitiu um sofrível padrão a um conjunto de base tão falsa. A rigor, e em conjunto, escapa do filme apenas a sua fase inicial. Depois que a heroína da trama aceita o absurdo vilão para espôso, o decréscimo psicológico é contínuo e irreprimível. Isto, apesar da boa técnica de produção pois é inegável o progresso do cinema portenho neste particular. Por vêzes, chegam a acertar, conforme foi o caso de "Maria Madalena", uma surprêsa, um bom filme, que será analisado em uma das próximas continuações de "80 Pré-Estréias". "A Orquidea" o destaque, quase único, é para Hidalgo. O diretor Ernesto Arancíbia tem certo gôsto plástico mas não conhece psicologia, deixando-se enredar pela atmosfera dramalhonesca do conjunto. Sofríveis os demais intérpretes: Santiago Gomes Cou, Herminia Franco, Eduardo Cuitino, Felisa Mary, Humberto Nazzari e outros. Produção da Argentina Sono Filmes.

### REGISTRO DE TRÊS FILMES

Dos oitenta filmes exibidos no Festival e nas "Jornadas" do Festival Internacional de São Paulo, setenta e sete foram criticados pelos componentes da cobertura de "A CENA". Apenas três, aliás de escassa importância, deixaram de ser presenciados razão porque os registramos, a fim de completar a resenha.

MÉXICO — "Acuerdate de vivir". Direção de Tito Davison. Intérpretes: Libertad Lamarque e Miguel Torruco.

ESPANHA — "O Tirano de Toledo". Direção de Henry Decoin. Intérpretes: Alida Valli, Pedro Armendariz, Gerard Landry e, finalmente, "Brindes ao céu".

# AS COTAÇÕES DOS LEITORES

**(As condições desta útil enquête encontram-se na pág. 30)**

## JULGAMENTO DAS SEÇÕES PERMANENTES

(DE 1 A 5 PONTOS)

| | Cotações |
|---|---|
| PRÉ-ESTRÉIA (3 e 24) .......... | ______ |
| OS MELHORES DE TODOS OS TEMPOS (6/9) .. | ______ |
| A NOSSA CAPA (30) .......... | ______ |
| SEGREDOS DA TELA (13) .......... | ______ |
| CURIOSIDADES E «CLOSE-UPS» (12) .......... | ______ |
| CINEMA BRASILEIRO (10/11) .......... | ______ |
| NOVELA DAS IMAGENS (14/17) .......... | ______ |
| O CINEMA E A DANÇA (22/23) .......... | ______ |
| CARTAZES EM REVISTA (28/29) .......... | ______ |
| TEATRO (31) .......... | ______ |
| DE TODO O MUNDO (26) .......... | ______ |
| QUADRO DE HONRA DO MÊS .......... | ______ |
| RÁDIO (32) .......... | ______ |
| DISCOS (32) .......... | ______ |
| CINE RESPOSTAS (duas vêzes ao mês) .......... | ______ |
| PÁGINA DO LEITOR (33) .......... | ______ |
| OS GRANDES VULTOS DA TELA (no número anterior saiu a de Joan Crawford) .......... | ______ |

## JULGAMENTO DAS REPORTAGENS, CRÔNICAS, ETC.

Opinião sôbre as reportagens do Festival, em São Paulo ..........

..........

Entre as reportagens publicadas no presente ano, qual a que mais o agradou? ..........

..........

Entre os trabalhos, crônicas, etc., qual o que mais o satisfez? ..........

..........

Que gênero de reportagem prefere? ..........

..........

Sugestões ..........

..........

Nome ..........

..........

Endereço completo ..........

..........

Estado, cidade ou Município ..........

..........

**NOTA: As sugestões também poderão ser enviadas em fôlha à parte. Aos leitores do interior solicitamos a fineza de enviar as respostas por via aérea.**

## BÉL-HORMON

**A BELEZA DOS SEIOS**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente v o l u m o s o, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

**Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.**

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº. . . . . . .

NOME. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

RUA. . . . . . . . . . . . . . . . . . Nº. . . . .

CIDADE. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

ESTADO. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

**Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00**














COM ÓLEO DE PEROBA A SUA MOBILIA PARECE TER SIDO COMPRADA NA VESPERA


## CINEMA BRASILEIRO

(Cont. da pág. 11)

próximo filme dirigido e interpretado por José Ferrer. É uma oportunidade rara esta que se lhe é oferecida. Além dêste, Manuel Mur Oti, diretor espanhol, cujo filme ispano-brasileiro «Fedra», inspirado na tragédia de Racine, também a convidou.

O filme, que se desenrola numa praia do litoral brasileiro, carecia de uma atriz brasileira para desempenho do papel-título. Maria Fernanda, mais uma vez, foi a escolhida. Infelizmente, não poderá aceitar, pois integra o elenco da Companhia Dramática Nacional. Os ensaios, assim como as peças e o espírito de equipe, reinantes na companhia, a fascinam de tal modo que não deseja abandoná-la. Espera, entretanto, poder conciliar as duas atividades.


## QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA e PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Rua Visc. de Maranguape, 15 - Lapa — Rio — para remessa do programa e bases do Curso.







## A NOVELA DAS IMAGENS

(Cont. da pág. 17)

da lhe daria morte certa e silenciosa sem que ninguém suspeitasse, isto se um cão não se apoderasse da luva tombando em seguida fulminado. Alucinada, Lucrécia pôde prever o projeto do irmão e sem desvendar o véu que envolve seu receio, tenta persuadir o marido de partir para Nápoles onde êle estaria ao abrigo dos criminosos. Mas Cezar vela. Aragon mal sai do palácio vê-se cercado por um grupo de espadachins e tomba gravemente ferido depois de um combate. Carregado, sangrando, crendo-se traído por Lucrécia, é levado para seus aposentos onde sua espôsa tenta salvá-lo por meio de pacientes cuidados. Êle a repele seguidamente aumentando destarte o infortúnio da princesa. Lucrécia, desesperada, tenta matar seu irmão Cezar, êste entretanto a desarma e um de seus asseclas termina com a vida de Aragão. Lucrécia desmaia nos braços de seu irmão que tenta em seguida justificar-se diante de tantos sofrimentos que provocara...

O grande amor de Lucrécia morre e esta se presta à novos casamentos.


## AS DOENÇAS DO CORAÇÃO TÊM CURA?

Por que sofremos? Por que esperamos?

Os doentes que esperam são marcados pelo sofrimento e pela doença. A doença do coração é uma coisa tão inexplicável, que não percebemos a razão por que não hei de curar-me inexplicàvelmente... diz o incrédulo...

Se queremos ter uma fé qualquer, e sem uma fé não podemos viver, temos que aprender a aceitar, que detrás daquela porta do INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO, desponta uma cura milagrosa para o vosso coração. Temos conosco a experiência técnica, as fontes de informações e dos conhecimentos requeridos para apanhar os fatos que você precisa. Com novos métodos de diagnóstico... novos métodos de pesquisas... aparelhagem novíssima... fórmulas que diminuem os tempos da doença... e que vos darão mais anos de vida.

**INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO**

Departamento: "PRAIA" — SANTOS: CAIXA POSTAL, 1.103
Rua Floriano Peixoto, 8 — Santos — Estado de São Paulo

Queiram enviar-me uma solicitação de exame e tratamento em sua própria casa — pelo novo método de nosso Instituto.

NOME: . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .
(Favor escrever em letra de fôrma)
ENDERÊÇO . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .
CIDADE . . . . . . . . . . . . . . . . . . . , ESTADO . . . . . . . . . . . . . . . . . .



## COMO APRENDER A DANÇAR

**5ª EDIÇÃO AMPLIADA**



Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Rua da Liberdade número 120 —— São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 — S. Paulo.
A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.




ELIZABETH TAYLOR

# HOJE! REPORT[illegible]GE[illegible] [illegible]O[illegible] MA[illegible] MONROE!

NO PRÓXIMO
NÚMERO:

AS "ESTRÊLAS" NÃO
EN[illegible]HECEM E OS
[illegible]OS" SE
[illegible]VAM

[illegible]A SÉRIE
DOS GRANDES VULTOS

★

A UM PASSO DO
"ESTRELATO"